



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA /PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA LETRAS-INGLÊS**

KELLEYANA DE CARVALHO BERNARDO ALVES

**“MELHOR REINAR NO INFERNO QUE NO CÉU SERVIR”:
CONCEPÇÕES DO HERÓI BYRONIANO NO LÚCIFER DE *PARAÍSO
PERDIDO*, DE JOHN MILTON E SATANÁS, DA BÍBLIA SAGRADA**

**GUARABIRA
2018**

KELLEYANA DE CARVALHO BERNARDO ALVES

**“MELHOR REINAR NO INFERNO QUE NO CÉU SERVIR”:
CONCEPÇÕES DO HERÓI BYRONIANO NO LÚCIFER DE *PARAÍSO
PERDIDO*, DE JOHN MILTON E SATANÁS, DA BÍBLIA SAGRADA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Fernandes Soares

GUARABIRA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474m Alves, Kelleyana de Carvalho Bernardo.
"Melhor reinar no inferno que no céu servir" concepções do herói Byroniano no Lúçifer de Paraíso perdido, de John Milton e Satanás, da Bíblia Sagrada [manuscrito] / Kelleyana de Carvalho Bernardo Alves. - 2018.
52 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Auricélio Fernandes Soares, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Herói Byroniano. 2. Paraíso Perdido. 3. (Anti) herói. 4. Lúçifer. I. Título
21. ed. CDD 291.216

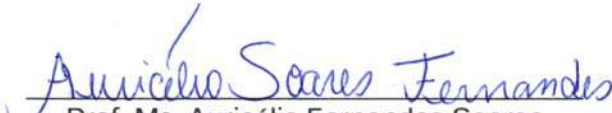
KELLEYANA DE CARVALHO BERNARDO ALVES

**“MELHOR REINAR NO INFERNO QUE NO CÉU SERVIR”:
CONCEPÇÕES DO HERÓI BYRONIANO NO LÚCIFER DE *PARAÍSO
PERDIDO*, DE JOHN MILTON E SATANÁS, DA BÍBLIA SAGRADA**

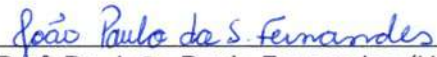
Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Guarabira: 28 de 11 de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Auricélio Fernandes Soares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UFPB)


Prof. Dr. Willian Sampaio (UEPB)
Examinador 1


Prof. Dr. João Paulo Fernandes (UEPB)
Examinador 2

Ao meu esposo, família e amigos que acreditaram em mim para a conclusão deste trabalho, dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois é Ele quem supre todas as nossas necessidades.

Ao meu esposo, Vinnícius, que durante esses quatro anos de curso sempre me incentivou em momentos que eu achava que não iria conseguir.

Aos meus pais, que sempre disseram que queriam que minha irmã e eu tivéssemos o que não tiveram em relação aos estudos, muito obrigada, “mainha e painho”, essa formação é fruto do empenho de vocês na minha criação. E como não fazer um agradecimento singular também à minha irmã, Myllena, que tanto me ajudou nos ajustes desse trabalho.

À minha amada turma, iniciamos por volta de 30 alunos e estamos concluindo com 7, a sala das sete mulheres! Minhas companheiras de todas as manhãs, que Deus nos proporcione reencontros nessa vida acadêmica.

Ao meu orientador, Professor e Mestre Auricélio Soares Fernandes, obrigada por toda paciência e por acreditar na minha capacidade.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram na minha formação, gratidão.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar traços de anti-herói byroniano no personagem Lúcifer da obra *Paraíso Perdido*, de John Milton apresentando traços de inteligência, sarcasmo, ironia, sensualidade no mesmo. Sabendo que a obra foi baseada no livro Bíblico Gênesis, vamos abordar sobre como o personagem Satanás, outro nome para Lúcifer, tem sua história narrada na Bíblia, e posteriormente como o Lúcifer de John Milton, é representado em *Paraíso Perdido*. Nossa pesquisa defende a partir de teóricos e críticos da literatura como Atara Stein (2004), Chasterfileld (1749), M.H. Abrams (2010), Robert Muses (1930) Brombert (1992), Alexandre (2015) que Lúcifer se enquadra tanto na denominação de herói como na de anti-herói byroniano personagem criado por Lord Byron, importante poeta do Romantismo inglês. Defendemos em nossa pesquisa que Lúcifer de Milton se enquadra nas características de um anti-herói byroniano.

Palavras-chave: Herói Byroniano. *Paraíso Perdido*. (Anti) herói. Lúcifer.

ABSTRACT

This work aims to analyze traits of Byronic anti-hero in the character Lucifer of the *Paradise Lost*, by John Milton presenting traits of intelligence, sarcasm, irony, sensuality in it. Knowing that the work was based on the book Genesis of the Bible, we will discuss about how the character Satan, another name for Lucifer, has its history narrated in the Bible and, subsequently, as Lucifer of Atara Stein (2004), Chasterfileld (1749), M.H. Abrams (2010), Robert Muses (1930) Brombert (1992), Alexandre (2015) that Lucifer fits is in the denomination of hero as in Byronic anti-hero, a character created by Lord Byron, an important poet of English Romanticism. We defend in our research that Lucifer of Milton fits the characteristics of a Byronic anti-hero.

Keywords: Byronic Hero. *Paradise Lost*. (Anti) hero. Lucifer.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	Entre heróis, anti-heróis e heróis byronianos	11
2.1	O herói	11
2.2	O anti-herói	13
2.3	O herói Byroniano	13
3	Satã, da Bíblia versus Lúcifer, de <i>Paraíso Perdido</i>	17
3.1	Sobre John Milton e a obra <i>Paraíso Perdido</i>	17
3.2	Os (anti) heróis Satã e Lúcifer	18
4	A trajetória do (anti) herói Byroniano Lúcifer em <i>Paraíso Perdido</i>	25
5	Conclusão	50
6	Referências	51

1 INTRODUÇÃO

Epopéias são narrativas bélicas onde há um personagem que será representado como o herói de um determinado lugar, sua missão é manter todos em segurança, enfrentando batalhas que venham amedrontar seu povo. O herói na epopeia possui “Força física, simbólica e moral, caráter, racionalidade, exercício do poder, autodomínio, firmeza e resistência”. (CANASSA; CARLOS, 2017.2).

Atualmente, o herói ainda é visto como um personagem simples de identificá-lo, porém, há outro papel que vem ganhando a admiração do público, é o que vai “na contra mão” (aspas nossas) das escolhas de um herói, ou seja, o anti-herói; ele também tem seus princípios, no entanto, seu diferencial são os meios que ele usa para defendê-los, pois ao contrário do herói que está pronto para entregar sua vida por algo, o anti-herói tira do seu caminho quem for preciso para se defender e continuar a Jornada do Herói.

As características do anti-herói são semelhantes as do herói byroniano, personagem criado por Lord Byron, importante poeta romântico inglês. O herói byroniano possui um alto nível de inteligência, consegue se adaptar às situações, é misterioso, tem poder de sensualidade e de oralidade, se desvia do ético e moral; esses traços vêm sendo adotado nos personagens, seja em livros, HQ's, cinema, séries, novelas e principalmente na literatura.

No presente trabalho, buscamos analisar traços de anti-herói byroniano no personagem Lúcifer de John Milton em seu livro *Paraíso Perdido*. A obra é uma epopeia clássica cristã da literatura inglesa composta por 12 cantos, baseada no livro bíblico Gênesis, nos trazendo uma literatura sobre a criação dos céus e da terra, do homem e de como o pecado surgiu através de Lúcifer:

(...) o épico de Milton se classifica como uma epopeia religiosa cristã, pois há penetração clássica na obra de cunho teológico, mas não há predominância em todos os cantos. (REIS, 2016, p.93)

Apresentaremos então, que Lúcifer nos livros Bíblicos é de fato o vilão, ele é o mal que luta contra o bem. Já na epopeia, ele ganha uma visão diferente a cerca de suas atitudes, Milton mostra a motivação de um personagem que assim como um herói não aceita derrota e busca seus objetivos:

[...] a missão de Satã que nos é inicialmente apresentada como a missão 'épica' do poema: desbravar um mundo novo em sua luta contra o Criador. Esta missão faz com que desempenhe papéis semelhantes aos de heróis da épica clássica: guerreiro intrépido (lembrando Aquiles ou Heitor), líder militar (como Enéias), estrategista (como Odisseu) [...] (FERNANDES, 2012, apud REIS, 2016, p.65)

Assim, estudos vêm sendo realizados a cerca do personagem Lúcifer e de como classificar sua personalidade. Abordaremos opiniões de estudiosos da literatura como Atara Stein (2004), Chasterfield (1749), M.H. Abrams (2010) Robert Muses (1930) Brombert (1992), Alexandre (2015).

No 1º capítulo, discutiremos os traços do herói, do anti-herói e do herói byroniano, trazendo em cada ponto suas principais características na literatura baseando-se em análises de teóricos.

No capítulo dois, apresentaremos a biografia do escritor John Milton e posteriormente no tópico 3.1, faremos uma análise comparativa entre a sua obra *Paraíso Perdido* e a Bíblia Sagrada, mostrando como Lúcifer é representado nas duas leituras. Analisamos ainda a estrutura da epopeia de Milton, apresentando sua classificação, como rimas e cantos.

Por fim, no capítulo quatro, abordaremos a discussão principal do nosso trabalho que é a análise do personagem Lúcifer na epopeia clássica inglesa *Paraíso Perdido*, de John Milton. Defendemos, portanto, que Milton criou um personagem carregado de características de um anti-herói byroniano em sua trajetória e apresentaremos trechos da obra que vem embasar nossa pesquisa.

2 ENTRE HERÓIS E (ANTI)-HERÓIS BYRONIANOS

2.1 O herói

Com adjetivos característicos como forte, inteligente, corajoso, provido de poderes sobrenaturais ou algo que atribua a sua força sobre-humana, o modelo de um herói dos gregos é um personagem determinado a correr riscos, sempre buscando a vitória e a paz para os que estão envolvidos na história.

Na tradição do Old English da literatura inglesa temos, por exemplo, o herói *Beowulf*, um homem com forças incomparáveis ao ser humano comum. Nesse épico, os traços de um verdadeiro herói são enaltecidos juntos do seu povo, pois com sua bravura, Beowulf prontamente lutava contra criaturas monstruosas buscando assim a paz para o povo.

Na Bíblia também encontramos heróis e vemos que suas forças provinham da fé que possuíam em Deus, recebendo então o título de “Heróis da Fé”, a exemplo de Moisés, Daniel, Sansão, Davi, entre outros.

Ademais, é importante apontar que há vários tipos de heróis e esses não precisam necessariamente ser “os mais corretos”, terem princípios que nós leitores almejamos encontrar ou até mesmo atributos de forte, inteligente e destemido. Um exemplo disso é o menino Davi, um dos heróis da fé.

Sua história na Bíblia está nos livros de 1º Samuel e 2º Samuel e nestes encontramos um menino israelita que cuidava das ovelhas de seu pai, era valente, pois já tinha enfrentado um leão e um urso para proteger o rebanho; Davi morava em Israel, e sua história conta que um exército israelita estava sendo desafiado para uma guerra contra o exército filisteu, que tinha como guerreiro um gigante chamado Golias.

O exército de Israel estava com medo, pois não sabia como enfrentar o gigante que com ironia desafiava apenas um guerreiro para enfrentá-lo. Porém, Davi ao tomar conhecimento do que estava acontecendo, toma a posição de enfrentar o gigante com a certeza da vitória, ele se apresenta ao Rei Saul para pedir permissão, e ir à guerra:

Porém Saul disse a Davi: Contra esse filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu ainda és moço, e ele, homem de guerra desde a sua mocidade. Então, disse Davi a Saul: Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; e vinha um leão ou um urso e tomava uma ovelha do rebanho, e eu saía após ele, e o feria, e a livrava da sua boca; e, levantando-se ele contra

mim, lançava-lhe mão da barba, e o feria, e o matava. Assim, feria o teu servo o leão como o urso; assim será este incircunciso filisteu como um deles; porquanto afrontou os exércitos do Deus vivo. E disse mais Davi: O Senhor me livrou da mão do leão e da do urso; ele me livrará deste filisteu. Então, disse Saul a Davi: Vai-te embora, e o Senhor seja contigo. (BIBLIA, 2012, 1º Samuel 17. 33-37)

Assim, Davi se vê diante de um gigante e com apenas uma funda¹ e uma pedra derrotou Golias, fazendo com que o exército inimigo recuasse. Davi mostrou lealdade e coragem ao seu povo, sendo reconhecido como um grande herói e posteriormente tornou-se Rei.

É importante ressaltar que heróis também possuem fraquezas, são friamente atingidos por seus vilões e estão sujeitos também a cometer ou possuir falhas. Vale salientar que, nem sempre o personagem terá o final que esperamos, porém, veremos no final que ele deixou o seu legado, um exemplo de herói a ser seguido. Para Massaud Moisés (2013), o herói:

Designa, genericamente, o protagonista, ou personagem principal (masculina ou feminina) da epopeia, prosa, de ficção (conto, novela, romance) e teatro. Na antiguidade clássica, o apelativo “herói” era destinado a todo ser fora do comum, capaz de obrar façanhas sobre-humanas, que o aproximassem de deuses. Equivalia aos semideuses, produto de aliança entre um deus e um mortal. (MOISÉS, 2013, p. 225)

Na citação acima, Moisés (2013) comenta sobre a superioridade do modelo de herói, os colocando como semideuses. Um exemplo disso são os heróis da mitologia grega, que eram filhos de deuses gregos com seres humanos comuns e assim, possuíam poderes especiais.

Todavia, Joseph Campbell (1949) no seu livro *O herói de mil faces*, aponta conceitos do herói mais ligados à sua “jornada” (o “Monomito²”). Na concepção de Campbell (1949), o personagem principal sai da sua vida (partida) para então iniciar outra jornada ordinária, enfrentando todos os desafios à sua frente (iniciação), tendo êxito e retornando à sua vida (retorno).

O herói é um personagem carregado de estereótipos que divergem do conceito do anti-herói, personagem por vezes principal, mas que pode possuir novos ideais, expondo assim um novo olhar sobre “salvar o mundo” já que por vezes, não salva ninguém, exceto seu próprio ego.

¹Arma antiga produzida pelo homem semelhante a um estilingue, nela colocava-se pedras para arremessar contra o adversário.

² O monomito é um conceito de jornada cíclica presente em mitos, de acordo com o antropólogo Joseph Campbell.

2.2O anti-herói

O anti-herói é o personagem que vai contra todos os conceitos do herói, ou seja, o oposto, aquele que pode criar mais rejeição ou favoritismo no decorrer do enredo. O fato é que o herói ser superior, como discutido no ponto anterior, sempre eleva suas atitudes para o bem e correto, enquanto o anti-herói minimiza ou rebaixa tais atitudes.

Nesse contexto, Moisés 2013, aponta que “o anti-herói não se define como o personagem que necessariamente carrega defeitos ou taras, ou comete delitos e crimes, mas como o que possui debilidade ou indiferença de caráter, a ponto de assemelhar-se a muita gente”.

Assim, o anti-herói assemelha-se ao herói byroniano, um modelo de herói que se afasta dos conceitos morais e éticos, com atitudes que divergem do correto, porém, ganha a admiração do leitor. Qualidades como “o homem sem qualidades” do romance homônimo de Robert Musel (1930 – 1933); “não raro, um agitador e um perturbador” (BROMBERT, 1999, p.2 apud MOISÉS, 2013, p.29) são adjetivos geralmente ligados ao anti-herói.

Esse, por vezes, é um personagem em evidência e aclamado por quem acompanha sua trajetória, gerando mais expectativas no fim de sua jornada do que a de um herói, pois o que esperamos é que o herói sempre se supere e vença todas as adversidades que lhe surgem no caminho. Porém, o anti-herói também tem os seus objetivos, mas suas ações geralmente ocorrem em seu próprio benefício, podemos citar como exemplo o personagem Lúcifer em *Paraíso Perdido*, de John Milton.

2.3O herói Byroniano

O herói byroniano foi criado por Lord Byron, importante poeta do Romantismo inglês. O personagem Lúcifer, de Milton, representado de acertos e erros foi à motivação para Lord Byron criar o herói byroniano:

Foi precisamente esse aspecto de grandeza defeituosa, no entanto, que fez de Satanás um modelo tão atraente para Byron, amigo de Shelley, em seus projetos de criação de mitos pessoais. Os precedentes mais imediatos do herói byroniano - uma figura que Byron usa para propósitos de auto-revelação e de auto-ocultação - foram os protagonistas de alguns dos romances góticos do final do século XVIII. (A Companion web para

A Norton Anthology de Inglês e Literatura, 2010 - 2018. Disponível em: <http://www.wwnorton.com/college/english/nael/romantic/topic_5/welcome.htm>, tradução nossa³.

Um dos exemplos de criação de um personagem solitário e melancólico de Lord Byron se encontra no poema dramático *Manfred*, o qual o personagem se encontra em conflito por cometido o crime (religioso) de incesto com sua irmã, a mesma teria cometido suicídio por remorso. Manfred, para aliviar a sua culpa invoca sete espíritos a fim de que eles mudem o passado, mas eles não possuem poder para isto. Vejamos a representação melancolia do eu lírico no trecho a seguir:

Meu sono - se eu dormir - não é sono
 Mas uma continuação de pensamento duradouro,
 Qual então eu posso resistir não: em meu coração
 Há uma vigília, e esses olhos, mas perto
 Olhar para dentro; e ainda vivo e suporto
 O aspecto e a forma de respirar homens.
 Mas a tristeza deveria ser o instrutor do sábio;
 A tristeza é o conhecimento: aqueles que sabem mais
 Deve lamentar o mais profundo da verdade fatal,
 A Árvore do Conhecimento não é a da Vida. (BYRON, 1909, tradução
 nossa)⁴

O herói byroniano foi enaltecido na obra poética de Lord Byron e vem sendo atribuído não só a personagens da literatura, mas também em personagens de filmes, HQ's, novela, teatro, seriados, entre outros. Este tipo de herói se apresenta com características como, inteligência, alto nível de percepção, comportamento autodestrutivo, arrogância, sofisticação, cinismo, personalidade misteriosa, grande poder de atração sexual, bipolaridade e solidão:

O herói byroniano é um fora da lei e um estranho que define seu próprio código moral, muitas vezes desafiando a autoridade institucional opressiva, e faz isso por causa se definir como ser superior e com poderes sobrenaturais como sua auto-suficiência e independência, e seu sentido egoísta de sua própria superioridade. Ele essencialmente define e cria a si

³ It was precisely this aspect of flawed grandeur, however, that made Satan so attractive a model for Shelley's friend Byron in his projects of personal myth-making. The more immediate precedents of the Byronic hero—a figure that Byron uses for purposes both of self-revelation and of self-concealment—were the protagonists of some of the Gothic novels of the later eighteenth century.

⁴ My slumbers—if I slumber—are not sleep,
 But a continuance of enduring thought,
 Which then I can resist not: in my heart
 There is a vigil, and these eyes but close
 To look within; and yet I live, and bear
 The aspect and the form of breathing men.
 But grief should be the instructor of the wise;
 Sorrow is knowledge: they who know the most
 Must mourn the deepest o'er the fatal truth,
 The Tree of Knowledge is not that of Life.

mesmo. [...] Ele é um solitário que muitas vezes exibe um temperamento rápido ou uma angústia chocante, ou ambos, e não tem a capacidade de se relacionar com os outros. (STEIN, 1959, p. 8, tradução nossa)⁵

Assim, o conceito de herói byroniano vem ganhando seu espaço e nos dando oportunidades de discutir e repensar os conceitos de certo ou errado diante de um personagem, pois ele tem seus próprios ideais e para conseguir seus objetivos não segue a mesma linha que um típico herói, o qual protege e salva o mundo do perigo, e por vezes, o perigo está nele mesmo.

Os traços de um herói byroniano são evidentes nas atitudes, eles preferem a solidão ao estar em grupo, sendo calculistas, sensuais e egocêntricos. Podemos encontrar essas características em personagens como: Batman, Mr. Rochester, Professor Snape, Sherlock Holmes e Wolverine.

O personagem Lúcifer, de John Milton mostra essas características durante toda sua jornada em *Paraíso Perdido*, ele decide não servir, mais sim ser servido, inicia uma batalha contra Deus, e é derrotado.

Encontrando-se em meio ao Caos, Lúcifer precisa se adaptar a tudo e reerguer forças para mostrar soberania aos demônios que se uniram a ele. Vejamos nos versos a seguir, uma das falas de Lúcifer onde percebemos sua adaptação ao seu novo estado:

Adeus campos
 Que o gozo sempre habitava, ave horrores,
 Mundo infernal, e tu profundo Inferno
 Recebe o novo dono, o que traz
 Mente por tempo ou espaço não trocável.
 A mente é em si mesma o seu lugar,
 Faz do inferno Céu, faz do Céu inferno.
 Que importa onde se eu o mesmo for,
 Ou o que seja, logo que não seja
 Inferior ao que deu fama ao trovão?
 Aqui seremos livres; o magnânimo
 Não alçou cá inveja, nem daqui
 Nos levará. A salvo reinaremos,
 Que é digna ambição mesmo se no inferno:
 Melhor reinar no inferno que no Céu
 Servir. (MILTON, 2012 | 249 264)

⁵ The Byronic hero is an outlaw and an outsider who defines his own moral code, often defying oppressive institutional authority, and is able to do so because of his superhuman or supernatural powers, his self-sufficiency and independence, and his egotistical sense of his own superiority. He essentially defines and creates himself, like Wordsworth's "unfathered vapour," embodying the ultimate development of the individual (Prelude 6.595). He is a loner who often displays a quick temper or a brooding angst, or both, and he lacks the ability to relate to others.

Vejamos outro trecho em que Lúcifer demonstra sentimentos bipolares, aflição, prazer e superioridade:

Quanto mais
Vejo e redor prazeres, tanto mais
Sinto em mim aflições, do odioso sítio
De opostos; todo o bem me chega tóxico,
E no Céu pior estado o meu seria.
Mas não procuro aqui, não nem no Céu,
Morada, a não ser que eu no dono mande; (MILTON, 2016, IX 119- 126).

Lúcifer mostra-se preso aos seus conflitos e para não perder o foco do seu objetivo, ele sempre traz a lembrança os seus aliados que ficaram no Inferno, finalizar o plano elaborado quando reunidos, traria a glória tão desejada.

O herói byroniano possui traços que nós leitores ou expectadores também carregamos, nos identificamos com os erros e acertos de um personagem quando agem em benefícios próprios, assim como age Lúcifer na obra *Paraíso Perdido*.

3 SATÃ, DA BÍBLIA X LÚCIFER, DE *PARAÍSO PERDIDO*

3.1 Sobre John Milton⁶ e a obra *Paraíso Perdido*

John Milton nasceu em 9 de dezembro de 1608 e já aos dezesseis anos de idade tornou-se poeta; em 1632, publicou o seu primeiro poema: *On Shakespeare*. Na juventude, ainda morando na propriedade rural do pai, em Herton, Milton dedicou-se à leitura de autores gregos e latinos.

Sua mãe (a quem ele pouco se refere) morreu em 1675; no ano seguinte, a partir da morte do colega de classe, Edward King, Milton escreveu a extraordinária elegia clássica *Lycidas*.

Em maio de 1638, Milton partiu em uma grande viagem pelo continente europeu: Foi à França, e depois à Itália, mas a explosão da guerra civil na Inglaterra fez com ele regressasse ao país em julho de 1639. Por volta de 1641, Milton atuou, de modo contundente na guerra planfetária⁷, defendendo o lado Puritano.

O casamento infeliz com Mary Powell, em 1642, ensejaria o tratado de divórcio. Em setembro de 1643, a visão do poeta começou a declinar, fato que não impediu seu surgimento, em novembro de 1644, participou da *Areopagitica* que era um tratado sobre a liberdade de imprensa.

Planos de um novo casamento foram frustrados pelo retorno da primeira esposa em 1645. No mesmo ano, a coletânea *Poems of John Milton* foi registrada com o propósito de publicação, o que ocorreu em janeiro de 1646. No ano seguinte, o pai de Milton faleceu.

Na primavera de 1649, o poeta foi nomeado Secretário de Idiomas Estrangeiros, junto ao regime de Cromwell⁸, cargo que fez Milton o porta-voz oficial da Revolução. Após o nascimento de três filhas e um filho, sua primeira esposa

⁶ Biografia disponível no livro *Paraíso Perdido ed.2. 2016*.

⁷ As guerras panfletárias referem-se a qualquer argumento prolongado ou discussão através de meio impresso, o objetivo era defender ou atacar uma determinada perspectiva ou ideia. Guerras panfletárias ocorreram várias vezes ao longo da história, como plataformas sociais e políticas.

⁸ Em 1653, o Parlamento britânico fora completamente dissolvido; Oliver Cromwell alcançou a condição de Lorde Protetor da Inglaterra. Não tendo mais nenhum tipo de poder limitador, Cromwell transformou-se em um líder máximo. Gozando de direitos políticos ilimitados, cogitou-se a coroação dele enquanto rei da Inglaterra. Não querendo aparentar uma espécie de retorno ao Antigo Regime, Oliver Cromwell rejeitou tal proposta. Centralizando os poderes, Cromwell conduziu um período mais estável no processo da revolução inglesa. Tendo poderes muito próximos aos de um monarca, Oliver Cromwell indicou seu filho para sucedê-lo no governo. Com sua morte, em 1658, o governo caiu nas mãos de Richard Cromwell. Sem amplo apoio político, Richard acabou deposto pelo "Parlamento Coto", em 1659.

faleceu e, logo em seguida, o menino. Já em fevereiro de 1652, Milton estava totalmente cego. Casou-se em 1656 outra vez, mas sua segunda esposa morreu dois anos mais tarde.

O relacionamento do poeta, agora já totalmente cego, com as filhas não foi dos melhores, e a situação deteriorou com o advento de uma terceira esposa, em 1663. Em agosto de 1667, publicou o poema *Paraíso Perdido*, ampliado na segunda edição, em 1674. *Paraíso Reconquistado* e *Samson Agonistes* foram publicados, simultaneamente, em 1671. Faleceu em 8 de novembro de 1674.

Um dos maiores poemas épicos da literatura mundial *Paraíso Perdido*, é baseado no livro bíblico Gênesis, depois da obra Shakespeare, é considerada a maior obra da literatura inglesa do século XVII. Os principais temas da obra são segundo conceitos de um poeta e de leitores cristãos: a criação do homem, a queda de Adão e Eva, a expulsão do Paraíso e o panorama visionário da história humana, com a visão da Redenção nos confins do horizonte histórico. O personagem Satã, de Milton, é um dos maiores personagens dramáticos da literatura universal, que transita entre o céu e o inferno do imaginário cristão.

3.2 Os anti-heróis Satã e Lúcifer

A Bíblia é um livro composto por um total de 66 livros, sendo 39 do antigo testamento e 27 do novo testamento; existem também outros 7 livros que são conhecidos como apócrifos⁹, que não estão inseridos em algumas edições Bíblicas.

O Livro do Gênesis é composto de 50 capítulos, os três primeiros narram à criação de tudo que há nos céus e na terra: o homem, a necessidade de criar uma companheira para ele, a tentação e o pecado; assim, a Bíblia revela como tudo foi criado, baseado na fé de um Deus existente:

No princípio, criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. (GÊNESIS 1-1,2 Bíblia, 2012.)

O que não nos deixa com dúvidas é que John Milton trouxe em seu poema uma trajetória não encontrada na Bíblia para o personagem Lúcifer. No livro do Gênesis, Lúcifer surge no 3º capítulo tentando Eva a comer do fruto proibido:

⁹ Apócrifo significa falso, suspeito. Expressão usada quando um fato ou uma obra não tem sua autenticidade provada, ou seja, ela tem sua origem questionável ou duvidosa.

Ora, a serpente era a mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (BÍBLIA, 2012, Gênesis 3 – 1 a 6)

É a partir desses versículos bíblicos que compreendemos, sob um olhar cristão, como o pecado surgiu na humanidade, sabendo então, que o primeiro pecado foi o da desobediência. Assim, Deus castiga Adão e Eva que foram expulsos do Jardim do Éden, e a serpente também sofre as consequências:

E disse o Senhor à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos, e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás. (BÍBLIA, 2012, Gênesis 3 – 13 a 19)

Assim, Adão e Eva deixam o Jardim e iniciam uma nova vida, agora não mais nus, pois a pureza já não existe mais neles, e toda a humanidade recebe o castigo dado por Deus ao casal. O livro do Gênesis continua narrando as gerações futuras e como tudo ocorrerá até o chamado fim dos tempos, no Livro do Apocalipse.

Contudo, é importante apontar que a Bíblia não foi escrita em ordem cronológica e é um livro repleto de alegorias¹⁰. Sobre a origem de Lúcifer, embora o livro do Gênesis em momento algum narre a sua criação, vamos encontrar algumas referências parafraseadas em outros trechos bíblicos.

Como na história da queda da Babilônia e de seu Rei arrogante que oprimia o povo de Israel por se achar forte e pronto para vencer qualquer outra nação que o afrontasse, Deus não se agradou do sentimento de superioridade, lançando então

¹⁰ Modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada.

uma profecia que a estrela da manhã iria cair, ou seja, o Rei perderia as batalhas e toda a fama conquistada. No trecho Bíblico desta história, podemos encontrar o que aconteceu com Lúcifer:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no seu coração: "Eu subirei aos céus, e, acima das estrelas de Deus, eu exaltarei meu trono, e no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante o Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo abismo. (ISAÍAS 14-12,15 Bíblia, 2012)

Estrela da manhã faria alusão de como Lúcifer era considerado no Céu, anjo de Luz, muito amado por Deus, porém, a inveja fez com que ele almejasse mais poder e deste modo, sua pretensão em "subir aos céus, e, acima das estrelas de Deus para exaltar o seu trono" (ISAÍAS, 14- 13) foi um plano elaborado com a ajuda de mais Anjos rebeldes, porém sem sucesso. Vemos que o versículo finaliza abordando as consequências da queda, pois Lúcifer foi lançado ao mais profundo abismo, o inferno.

Outro trecho Bíblico que nos traz a interpretação sobre a história de Lúcifer, é a história do Rei Tiro. Tanta fora a fama de seu reinado que o mesmo desejava exaltação diante de seus feitos:

Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu a ti, e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te veem. (EZEQUIEL 28-17,18 Bíblia 2012.)

Assim como o Rei Tiro, Lúcifer tinha grande responsabilidade no Céu, era amado por Deus, um anjo formoso, e por esses atributos teria chances de ser melhor que Deus e mais digno de sentar no Trono dos Céus. O castigo dado ao Rei Tiro corresponde de forma semelhante às consequências que Lúcifer teve: Deus o fez cair dos Céus, tornando-o cinza sobre a terra. A cor cinza no versículo nos traz a simbologia de destruição de transformar-se em pó, "te tornei em cinza sobre a terra aos olhos de todos" (EZEQUIEL 28-18), ou seja, alguém que será reconhecido como algo sem importância, Eva Heller (2013) em seu livro *A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão*, afirma que a cor cinza tem como significado:

1. A cor sem caráter 2. A cor de todos os sentimentos sombrios 3. A cor do inamistoso (...) 5. O terrível, o cruel e o insensível 6. As zonas cinzas do secreto (...) 9. A cor da velhice 10. A cor do esquecimento e do

passado (...) 13. A cor dos inferiores e do grosseiro (...) (HELLER, 2013, p.496)

Outro versículo que vem contar a forma como Deus lançou Lúcifer do Céu se encontra no livro de Lucas: “E disse-lhes: Eu vi Satanás, como raio, cair do céu.” (LUCAS 10-18 Bíblia, 2012,). E sobre como fora executado o grande plano de Lúcifer, vamos encontrar esse relato no último livro da Bíblia, o Apocalipse:

E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. (BÍBLIA, 2012, Apocalipse 12-7, 8, 9)

Por sua vez, *Paraíso Perdido* de John Milton, é uma epopeia composta por 12 cantos, inspirada na narração da criação encontrada no livro Gênesis. Com o título da obra podemos fazer uma analogia a perda de Lúcifer e a de Deus, Lúcifer ao ser expulso do Céu, que seria seu paraíso, e ademais, Deus perdendo seu Éden.

Encontramos referências literárias ou renascentistas. Vemos nos primeiros versos o eu-lírico invocando a presença da Musa (ou a deusa) para ter inspiração na escrita dos seus cantos, isso é uma característica principal de uma epopeia homérica:

Da rebelia adâmica¹¹, e o fruto
Da árvore interdita, e mortal prova
Que ao mundo trouxe morte e toda a dor,
Com perda do Éden, 'té que homem maior¹²
Nos restaure, e o lugar feliz nos ganhe,
Canta, celestial Musa¹³, que no cume
Do Orobe, ou do Sinai lá, inspiraste
O pastor que ensinou a casta eleita,
De como no princípio céus e terra
Se erguem do Caos; ou se o Monte Sião¹⁴
Mais te encanta, e de Siloé¹⁵ o veio
Que corria p'lo oráculo de Deus,
Teu favor invoco à canção ousada,
Que em não mediano voo quer levar-se
Aos cimos de além Hélicon¹⁶, buscando

¹¹ Adão em hebraico significa “homem”.

¹² Cristo, na teologia paulina o segundo Adão. Virgílio canta um homem só, ao passo que Milton vai cantar dois: um natural e um sobrenatural, promovendo deste modo um movimento desviante em relação à épica de tradição pagã.

¹³ Identificada como Urânia, era, na mitologia grega, uma das nove musas.

¹⁴ Santuário.

¹⁵ Nascente a oeste do Monte Sião. Certamente Milton teve e conta os poderes curativos e purificantes do lago Siloé, aludindo à passagem em que Jesus cura o cego (Jo. 9.7), em óbvia analogia com o seu próprio estado.

Coisas em prosa ou rima não tentadas. (MILTON, 2016, l 1- 16)

Além da invocação a uma Musa para a inspiração, o eu-lírico também invoca ao Espírito, que é a terceira pessoa da Trindade:

E máxime tu, ó Espírito, que escolhes
 No templos o coração reto e puro,
 Instrui-me, pois conheces; no princípio
 Presente eras, de hartas asas livres
 Qual pomba no abismo vasto ideavas,
 Emprenhando-o: o que é treva em mim
 Aclara, o que é torpe ergue e suporta,
 P'ra que ao nível de tão grande argumento
 Defender possa a eterna providência
 E aos homens seus caminhos explicar. (MILTON, 2016, l 17-26)

Ao lermos as invocações para a inspiração, vemos que o eu-lírico está sendo reverente, primeiramente a Musa, e depois ao Espírito Santo, o que representa que a epopeia cristã de Milton será superior às epopeias pagãs; vamos encontrar ao decorrer dos cantos Milton fazendo mais invocações em busca de inspiração para seus 12 livros, nas palavras de Schindler:

Para as invocações épicas que ele herdou, Milton acrescentou uma dimensão ao trazer dois elementos externos à tradição épica: por um lado, as formas religiosas de oração e devoção; por outro, a sua própria posição como um poeta lírico e épico. (SCHINDLER, apud CARMO, p. 74).

As epopeias são geralmente narrativas bélicas existe um personagem que será o herói, e a este fica atribuído às características de valente, forte, corajoso para defender seu povo:

Na Arte poética, a epopeia é caracterizada como o gênero que usa o verso em métrica única ou mesclada³ como meio de imitação, sendo o metro heroico, o mais indicado; narra, em sua maioria, assuntos sérios e retrata o homem melhor do que ele realmente é. (REIS, 2016, p.14)

O herói épico enfrenta grandes batalhas. Ele também possui forças sobrenaturais, pois nas epopeias clássicas os heróis são colocados como semideuses, por terem vindo de uma relação entre um humano comum e um deus.

O herói da epopeia é, portanto, aquele que garante o bem coletivo, mesmo com as adversidades pelas quais passa. Ele é o responsável por essa existência feliz e sua individualidade está em detrimento do coletivo. (CANASSA e CARLOS, 2017, p.127)

¹⁶ Monte sagrado das musas. Milton procura a sua fonte de inspiração nos cumes mais elevados, sugerindo assim uma rarefação do seu argumento com relação à restante épica e respectivos temas bem mis modestos.

Paraíso Perdido é uma epopeia cristã que narra um duelo entre demônios e anjos, não iremos encontrar homens como semideuses, mas sim, Lúcifer contra Deus. Na obra, Deus é onisciente e narra todas as atitudes de Lúcifer, e mesmo com a ideia de associarmos Lúcifer com o mal, Milton faz dele um personagem brilhante, não deixando passar despercebido aos olhos do leitor o quanto ele ganha qualidades, sendo considerado até mesmo como o protagonista da epopeia:

Em Satã apresenta o poeta várias qualidades que pertencem ao antigo tipo. É um grande chefe na guerra, especialmente na derrota; sozinho, faz o que nenhum dos seus camaradas se atreve a fazer; no seu trono apresenta-se com todo o aparato real; mostra-se cheio de recursos como quando inventa a pólvora para a guerra no Céu; é absolutamente eloquente; oculta dos seus camaradas o desespero, como Eneias oculta o seu quando julga todos os seus navios perdidos (BOWRA, apud REIS, 1950, p.265).

Assim, Milton escolhe esse cunho teológico para sua epopeia que tem uma linguagem narrativa com traços de oralidade, e em algumas versões, encontramos argumentos que buscam orientar o leitor antes da leitura do canto.

Inicialmente a obra foi dividida em 10 livros ou cantos, e em 1674 ganhou um ajuste para se igualar a Eneida de Virgílio, e então foi dividida em 12 livros ou cantos. Os versos são brancos, mas Milton também fez uso de decassílabos presentes em estrofes longas e contínuas.

Sobre a narrativa da obra, é feita por um eu-lírico/narrador onisciente, que nos conta o desenvolvimento da história, porém, vamos encontrar o narrador cedendo a fala para outros personagens.

Sem dúvidas, uma epopeia que marcou a literatura e iniciou discussões a cerca do sentimento de John Milton a escrevê-la. De acordo com M.H. Abrams (1912), em seu livro *O Espelho e a Lâmpada*, diz que:

Mais de um século depois que seu grande poema épico foi publicado, ninguém duvidava de que a intenção mais profunda de Milton era, conforme ele a representou, "justificar os meios de Deus para os homens" [...] (ABRAHAMS, 2010, p.331)

Essa intenção de Milton em "justificar os meios de Deus", é que ele escreve em sua obra os conflitos de cada personagem: o sentimento de Deus ao decidir iniciar a criação, o sentimento de Adão e Eva e até mesmo o de Lúcifer, personagem que somos inclinados a julgarmos com o vilão da história.

E é justamente o personagem Lúcifer que tem levantado uma grande discussão nos estudos literários que abarcam a questão do (anti) herói, buscando justificar qual seria seu lugar na obra *Paraíso Perdido*. Seria Lúcifer um vilão que

consegue acabar com a criação de um Deus supremo com artimanhas e muita inteligência; um herói que enfrentou sua jornada e trouxe a vitória para seus aliados ou um anti-herói que não pensou em momento algum em seus aliados, mas que por si só, precisava provar pra Deus que podia derrotar sua criação?!

Milton, em sua obra, representa Lúcifer como um personagem determinado a vencer, mesmo sabendo que Deus detém todo o poder. Ele tem um objetivo, e no decorrer do poema-épico sabemos que consegue destruir a pureza do homem, tornando-se um herói, ou anti-herói devido aos meios que o mesmo usou. Assim, esta discussão divide opiniões, pois Deus seria o herói do poema, ou até mesmo Adão, ou Lúcifer:

[...] John Dennis concordou com a ideia de que o “Demônio é apropriadamente o herói de Milton, porque é ele quem leva a melhor”. E, apesar de alegação contrária de Addison, de que o herói é o Messias, e de de Blackmore, de que o herói é Adão, Chasterfield continuou a sustentar em 1749 “como o sr. Dryden, que o Demônio é, de fato, o Herói do poema de Milton, cujo plano ele prepara, segue e finalmente o executa, é o assunto do poema” (ABRAMS, 2010, p. 332).

Em 1787, Robert Burns, poeta Romântico, analisou traços de um herói byroniano no personagem Lúcifer:

Valorizo tão poucos reis, lordes, eclesiásticos, críticos etc. quanto toda essa respeitável pequena nobreza valoriza minha condição de Poeta... Estou decidido a estudar os sentimentos de uma personagem muito respeitável, o Satã, de Milton – Salve, horror! Salve, mundo do inferno! (BURNS apud ABRAMS, 2010, p.332)

M. H. Abrams (2010) afirma que “Satã tornou-se herói não por razões técnicas, mas porque o leitor pende mais para o seu lado na batalha entre o paraíso e inferno”. Percebemos assim, que a cronologia entre a Bíblia e a obra *Paraíso Perdido* se diverge. O épico de John Milton não inicia contando a origem de Lúcifer, uma vez que a obra inicia com o Livro I narrando Lúcifer derrotado, lançado ao Caos, diferente da Bíblia, que tem versículos alusivos aos acontecimentos referentes à Satã. *Paraíso Perdido* narra por completo as atitudes de Lúcifer dando grande ênfase a este personagem.

4 A TRAJETÓRIA DO (ANTI) HERÓI BYRONIANO LÚCIFER EM *PARAÍSO PERDIDO*

O herói byroniano criado por Lord Byron assemelha-se aos traços de um anti-herói. Neste ponto, vamos apresentar esses traços em Lúcifer no poema de John Milton. Analisamos que no épico *Paraíso Perdido*, o personagem Lúcifer é inteligente, possui poder de persuasão, é corajoso, sensual, possui liderança, está distante do correto e ético para conseguir seus objetivos que estão cheios de vingança, recusando-se a seguir regras, mas criando as suas. Essas características são fortes traços de um anti-herói byroniano. Atara (1959) diz em seu livro que:

Em sua auto-suficiência, ele cria uma lei para si mesmo e recusa-se a estar sujeito a qualquer autoridade externa ou convencionais valores (STEIN, 1959, p. 35. tradução nossa).¹⁷

O personagem Lúcifer, de Milton, tem essas qualidades na obra quando inicia uma batalha no Céu contra Deus e seus anjos, ele perde a batalha, é lançado aos Caos e cria para si e seus aliados uma nova maneira de viver, sendo ele agora o líder, os anjos (agora demônios) o servem, o Anjo rebelde agora, não teria ninguém à cima dele. Vejamos isto em alguns versos do Livro V, o personagem Anjo Rafael¹⁸, relata o que sucedeu com Lúcifer em sua revolta contra Deus no Céu:

**Satã, seu nome agora, que o de outrora
Já não se ouve no Céu, se não primeiro
Entre arcanjos primeiros, não menor**
Em favor e eminência; este em cólera,
De Deus odiado o Filho, nesse dia
Honrado pelo Pai, e proclamado
Rei Messias ungido, não se conteve
Na altivez tal visão, e achou-se leso.
Concebendo desdém e vil malícia,
Logo que a meia-noite trouxe as sombras
Amigas do descanso, decidiu
Destroçar com as tropas, e deixar
Por louvar, por cumprir, o trono máximo,
Insolente, e ao seu subordinado
Acordando-o, falou-lhe em confiança. (MILTON, 2016, V 658-672 – grifos
nossos)

Vemos nos três primeiros versos da citação acima o quanto o Lúcifer era anjo importante no Céu. Porém, seguindo a leitura, encontramos seu sentimento de insatisfação quando viu o anúncio de um novo Rei Ungido que seria o filho de Deus,

¹⁷ In his self-sufficiency, he creates a law unto himself and refuses to be subject to any external authority or conventional values. (ATARA, Stein 1959)

¹⁸ O arcanjo Rafael é considerado o protetor de todos diante o Todo-Poderoso.

achou-se leso diante do que ouvia. A palavra *leso* segundo o dicionário Aurélio é definida como:

- 1 - Causar lesão a. 2 - Ofender; molestar. 3 - Ofender a reputação de.
 4 - Violar um direito quer com intenção e propósito, quer por negligência.
 5- Tornar-se idiota. 6 - Deambular, errar. 7 - Molestar-se, prejudicar-se.
 (AURÉLIO, Dicionário. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>).

Lúcifer sente-se ofendido em ver alguém em um lugar de glória não sendo ele, anjo tão importante entre os Arcanjos, por isso confronta a autoridade de Deus com a batalha deixando em evidencia um traço de anti-herói byroniano, o desejo pela liderança e a recusa de servir a outro ser. Stein (1959) diz que o herói byroniano: “recusa-se a estar sujeito a qualquer autoridade externa ou convencional valor” assim, Lúcifer lidera uma batalha no Céu, e convida mais anjos a unir-se com ele, vejamos nos versos sua fala:

Dormes caro parceiro, pode pálpebras
 Cerrar-te o sono? De ontem o decreto
 Já te esquece, que os lábios do altíssimo
 Ainda mal deixou? Acostumara-me
 A trocar pensamentos p' los teus,
 Acordes no acordar; por que hás de agora
 No sono dissentir? Novas leis vês;
 Novas leis do rei, novos fins na grei
 Devem causar, conselhos que discutam
 O curso do debate; mas aqui
 Falar não é prudente. Das miríades
 Que chefiamos reúne os principais;
 E de ordens, diz-lhe que antes que retire
 A noite o negro véu devo partir,
 E comigo os meus súditos que lábaros
 Me acenam, de regresso em marcha alada
 Aos quarteirões do norte, p' ra arranjarmos
 Entretém bem à altura do Messias,
 Grande rei, e os seus novos mandamentos,
 Que veloz não olhando a hierarquias
 Quer passar triunfante, e dele as leis (MILTON, 2016, V 673-693).

Nos versos acima percebemos o discurso em que Lúcifer se dirige a outro anjo, o herói byroniano tem como uma de suas características uma boa oralidade e poder de persuasão, não só nos versos acima, como em mais trechos da obra Lúcifer faz uso desses traços.

Analizamos que o Anjo rebelde consegue passar seu sentimento de insatisfação, contando brevemente o que planeja e afirmando não ser prudente

continuar sua fala ali, dá ordem para reunir das miríades¹⁹ os anjos principais que já prestam respeito erguendo lábaros²⁰ e já subindo para os quarteirões do norte²¹, lá reuniriam-se e arranjariam entretém²² e forças para ir contra ao Messias e seus novos mandamentos. A desobediência, a rebeldia, impulsionaram à construção do anti-herói. O Anjo rebelde continua seu discurso apresentando agora para todos os seus aliados qual seria o plano a ser seguido:

Falou o falso arcanjo, e infundiu
 Seu ascendente mau no incauto peito
 Do seu adjunto; chama ele a uma,
 Ou à vez, uma a uma, as potestades
 Por si regidas; conta, como ouviu,
 O que mais alto quis, que antes que a noite,
 Antes que a turva noite o Céu deixasse,
 Cumprira pôr em marcha a grande insígnia:
 Conta a causa suposta, e urde ambíguas
 Palavras e melindres, p'ra provar
 Ou marchar inteirezas; acataram
 Normalmente o sinal, e a voz suprema
 Do grande potentado; em verdade
 Grande era o nome e alto o grau do Céu;
 Seu semblante, qual estrela da alva guiando
 O estelante rebanho seduziu-os,
 E em logro atrás levou a terça parte
 Ao Céu: o olho eternal, que bispa abstrusos
 Pensamentos, do seu monte sagrado
 E de dentro das lâmpadas que luzem
 Áureas à noite ante ele, viu sem luz
 Ergue-se a rebeldia, de quem vinha,
 A quem chegava entre os filhos da alva,
 Quantos se uniam contra o alto édito (MILTON, 2016, V 694- 717).

No primeiro verso acima, Lúcifer é referido como “falso arcanjo” (verso 694), isso se dá por ele já ser de fato o anjo rebelde e não mais anjo de luz. A fim de ter grande número de anjos ao seu lado na rebelião, ordena que conte um a um, antes que a noite os deixasse sobre o anúncio do filho Deus, assim todos tomariam conhecimento do plano.

Então, o falso Arcanjo, como uma estrela d'alva²³ guia os anjos para a terça parte²⁴ e consolida a rebeldia com todos que chegavam para ouvir o alto édito²⁵ e firmar a rebelião contra o Céu.

¹⁹ 1 - O número de dez mil. 2 - Grande número.

²⁰ 1 - Estandarte militar romano. 2 - Bandeira, estandarte, pendão.

²¹ Lugar tradicionalmente associado a Satã: “E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Isaías 14:13”.

²² Recrear, divertir.

²³ Marchando à frente, Satã identifica-se como a estrela da tarde, e não como a estrela-d'alva.

²⁴ Satã (Lúcifer) leva os seus apenas rumo à noite.

E assim, a batalha épica acontece e dura três dias, o mesmo período que a história bíblica nos conta sobre Jesus que foi morto e ao terceiro dia ressuscitou. Na obra no terceiro dia Lúcifer com seus aliados são derrotados pelo filho de Deus que por nove dias os lança ao Caos²⁶, e ao despertarem, encontram-se derrotados, atordoados e iniciam uma discussão. Isto acontece no Livro I da obra, vejamos um dos anjos (agora demônio) narrando o estado que se encontram e sua revolta:

Do céu o expulsou, com sua hoste
 De anjos rebeldes, co'eles aspirando
 A assento sobranceiro sobre pares,
 Julgando igualar o mais Magnânimo
 Se o enfrenta-se, e co'alvo ambicioso
 No trono e na divina monarquia
 Batalha ufana e ímpia guerra alçou
 Com tentativa vã. A ele o altíssimo
 Lançou flamejante do etéreo céu
 Com hedionda ruína e combustão
 À perdição sem fundo, e a penar
 Nas chamas em grilhões adamantinos
 Por desafiar o onipotente a armas.
 Nove vezes o espaço dia e noite
 Dos mortais, ele e sua acerba chusma
 Jazeram voltos no lago de fogo
 Confusos e imortais; porém a pena
 Reservou-lhe ira maior: pois a ideia
 De gozo perdido e dor perdurante
 O mói; revolve os olhos perniciosos
 Que farta aflição viram e terror
 Num misto de ódio e orgulho inexoráveis:
 'Té onde vai dos anjos a visão
 Vê o mórbido estado seco e bravo,
 Um cárcere horrível, curvo de cantos
 Como inflamado forno, porém chamas
 Sem luz, senão visível cerração
 Revelando paisagens de lamento,
 Regiões de dor sombrias, onde paz
 E descanso não restam, nem esperança
 Que a todos no fim resta; mas tortura
 Sem fim, e ígneo dilúvio, atizado
 Com sempre ardente enxofre inconsumido:
 Tal lugar a justiça eterna deu
 Aos rebeldes, e aí a prisão votou
 Em trevas exteriores, e o quinhão
 Longe de Deus e luz celeste quanto
 Do centro três vezes aquém do polo. (MILTON, 2016, I 37-74)

Todos se encontram no Caos, lugar em chamas, cheio de dor e ranger de dentes, onde a justiça eterna do Messias os sentenciou por terem sido rebeldes. Nos

²⁵ Preparar para publicação.

²⁶ 1 - Confusão dos elementos antes da criação do universo. 2 - Confusão. 3 - Desordem. 4 - Perturbação.

versos acima, um dos demônios confronta Lúcifer dizendo que vã teria sido a batalha contra o Céu e ironiza o plano de Lúcifer lamentando o seu estado:

Julgando igualar o mais Magnânimo
 Se o enfrenta-se, e co'alvo ambicioso
 No trono e na divina monarquia
 Batalha ufana e ímpia guerra alçou
 Com tentativa vã. A ele o altíssimo
 Lançou flamejante do etéreo céu
 Com hedionda ruína e combustão
 À perdição sem fundo, e a penar
 Nas chamas em grilhões adamantinos
 Por desafiar o onipotente a armas. (MILTON, 2016, I 40- 49)

Ao qual Lúcifer responde com altivez e coragem, não se limitando ao seu estado:

Que tem que a campanha
 Se perca? Acaso a indômita vontade
 O estudo de vingança, o ódio infindo
 E a insubmissa coragem se perderam?
 E que mais será não ser subjulgado?
 Tal glória jamais ira ou poderio
 Extorquirão de mim. (MILTON, 2016, I 105- 111)

O demônio o replica ainda lastimando sua queda e a perda do Céu dizendo: “Bem vejo eu e lamento o duro fato / Que com tristeza derrube e vil derrota / Nos fez perder o Céu, e toda a hoste” (MILTON, 2016, I 134- 136). Lúcifer agora precisa reerguer seus aliados e demonstra não estar abalado; que tipo de líder não estaria certo de suas escolhas?! Lúcifer almeja vingança, ele responde ao demônio que tinha certeza que poderiam ser superiores ao acontecido, assim, anuncia uma nova regra de vida, vejamos a réplica de Lúcifer agora para todos os demônios:

Querubim caído, ser fraco é infeliz
 Ação ou privação. Mas certo sê,
 O bem jamais será nossa tarefa,
 Mas o Mal nosso único prazer,
 Como o oposto da altíssima vontade
 Que combatemos. Se então a presciência
 Propuser outro bem do nosso mal,
 Deve ser mister nosso pervertê-lo
 E do bem achar meios para o mal (MILTON, 2012, I 157-165).

Exilados do Céu, vemos nos dois primeiros versos um desabafo sobre a situação na qual se encontrava junto com seus aliados, mas rapidamente Lúcifer se ergue escondendo qualquer tipo de arrependimento, um herói byroniano tem essa qualidade de bipolaridade. Stein (1959) aponta que um herói byroniano “(...) é um solitário que muitas vezes exhibe um temperamento rápido ou uma angústia

chocante, ou ambos (...). Assim, Lúcifer afirma que a nova regra de vida seria que o bem não seria mais uma tarefa, mas teriam prazer no mal, ou seja, ser o oposto de Deus e Ele criando algo do bem, estariam prontos a corromper, Lúcifer continua seu discurso:

Adeus campos
 Que o gozo sempre habitava, ave horrores,
 Mundo infernal, e tu profundo Inferno
 Recebe o novo dono, o que traz
 Mente por tempo ou espaço não trocável.
 A mente é em si mesma o seu lugar,
 Faz do inferno Céu, faz do Céu inferno.
 Que importa onde se eu o mesmo for,
 Ou o que seja, logo que não seja
 Inferior ao que deu fama ao trovão?
 Aqui seremos livres; o magnânimo
 Não alçou cá inveja, nem daqui
 Nos levará. A salvo reinaremos,
 Que é digna ambição mesmo se no inferno:
 Melhor reinar no inferno que no Céu
 Servir. (MILTON, 2012 | 249 264)

Nos versos, a renúncia à vida que tinham no Céu, fazendo ironias que não perderam nada demais, afirmam que as aves que lá existem são horrorosas, o Anjo caído está fazendo uso do sarcasmo em suas falas, o que remete a mais um traço do herói byroniano de Lord Byron.

Ele continua sua fala saudando o Inferno que estava recebendo o novo dono, não sabia ao certo se ficaria ali por tempo indeterminado, ou se seria sua eterna moradia, mas ao mesmo tempo afirma que em qualquer lugar em que estivesse presente faria um inferno, e ali seriam livres, ou ao menos não teriam nenhum ser acima deles.

Percebemos um tom de ironia quando Lúcifer diz no verso: “Não alçou cá a inveja” (MILTON I, 260), afirmando que no Inferno não aconteceria o mesmo que no Céu, de algum ser por inveja decidir tomar o trono de alguém. A ironia acontece, pois foi o próprio Lúcifer quem cometeu tal atitude. Assim, consolida sua nova vida afirmando que é digno sim ter ambição mesmo que no Inferno, e nos últimos versos diz que: “melhor reinar no inferno que no Céu servir” (I 264-265).

Lúcifer ganha mais uma das características do herói byroniano de Lord Bryon, que é o poder de adaptação ao que acontecer com um personagem, isso ocorre com Lúcifer, ele se adapta ao ocorrido, lidera mais uma vez os demônios fazendo com que todos tenham o mesmo interesse que ele, cria novas regras, mostra que é

digno ter ambição mesmo que derrotado e em sua fala dá ânimo a sua legião de demônios:

Corai homens! São diabos com diabos
 Firmam acordo, homens só discordam
 De seres racionais, mesmo com fé
 Na excelsa graça. Deus proclama a paz,
 Mas vivem em rancor, zangas e brigas
 Uns com os outros, e taxam duras guerras
 Até à extinção, pilhando a terra. (MILTON, 2012, II 496- 502)

O Anjo caído encoraja seus aliados, afirmando que são demônios e que possuem palavra um com o outro. Já aos homens, usa de ironia para julgar como seres fracos, mesmo tendo fé na graça proveniente de Deus. Lúcifer consegue se reerguer, e as suas falas na obra só enaltecem seu personagem:

A eloquência convincente com que o debate é levado aumenta a glorificação ao ego de Satanás. Ele é, como sempre, a predominante voz da assembleia, permitindo, é verdade, manifestações e opiniões individuais, mas cuidando que seus pontos de vista e sua vontade prevalecessem. (KAITER e SANDIUC, 2011, p.3, tradução nossa)²⁷

Lúcifer é um personagem inteligente, ele permite que todos os demônios se expressem, mas é evidente que seu objetivo era acabar com a criação de Deus. Os demônios iniciam uma outra discussão à cerca de quem seria capaz de fazer uma longa viagem para examinar a criação de Deus e destruí-la, Lúcifer sempre se colocando como líder diante de todo o ocorrido fez com que Belzebu, outro demônio, afirmasse não ver nenhum outro fora Satã pronto a fazer essa viagem:

Quando então Belzebu viu nenhum outro,
 Fora Satã, de assento maior, grave
 Cresceu com porte qual pilar de estado.
 Funda na frente tinha entelhada
 A deliberação e o interesse público;
 E luzia o conselho nobre ainda,
 Mesmo em ruína, real: sagaz firmou-se
 Com atlânticos ombros pronto a arcar
 Com coroas hercúleas; seu aspecto
 Deu sossego aos ouvintes, como a noite
 Ou o ar do Sul no verão, p'lo que falou. (MILTON, 2012, II 299-309)

Belzebu enaltece Lúcifer mostrando sua liderança para resolver o interesse do público e ainda surgir com conselhos nobres como o de serem dignos de

²⁷ The convincing eloquence with which the debate is carried on stresses Satan's self- glorification. He is, as ever, the predominant voice of the assembly, allowing, it is true, the voicing of individual opinions, but seeing to it that his views and his will prevail.

ambição mesmo em ruína. Lúcifer, com todas as circunstâncias, reestabelece forças todos. Assim o plano seria cauteloso, vejamos os versos:

Estudemos esse espaço e aprendamos
Que seres lá habitam, qual molde,
Substância, quão dotados, qual a força,
E onde o ponto fraco, se mais frágeis
São por braço ou ardil. (MILTON, 2012, II 354-358)

Lúcifer, então, firma o compromisso de enfrentar a viagem para sondar os feitos de Deus, conhecer os pontos fracos da tal criação e saber o ponto certo de destruição. O último verso do trecho acima, ele busca analisar se mais uma batalha faria necessária ou se usariam de astúcia para enganar a criação de Deus.

Vejamos outro traço de um herói byroniano analisado em Lúcifer que é o poder de autodestruição. Ele já havia perdido uma batalha e sabia da onisciência de Deus, mas não se importava quais seriam às consequências do novo plano, e se as mesmas cairiam mais uma vez sob ele seus aliados, enaltecendo assim seu personagem:

A grandeza do personagem reside no fato que, embora deitado em um abismo de fogo cercado por "escuridão visível", torturado pelo fogo, Satanás sobe acima de sua situação e se adapta às circunstâncias. Inferno se torna a morada de seu palácio Pandemônio e a residência de todos mal. Não só ele sobrevive a maior batalha na história do universo, ele também encontra a força para se reunir e estabelecer um novo império no inferno a partir do qual deseja conquistar um novo mundo. Em todos os conselhos, rodeados de legiões de anjos rebeldes, ele se distingue como o líder soberano. Como um verdadeiro líder, ele argumenta e persuadís que ainda há esperança para a batalha, assim, instala em seus seguidores a determinação para recuperar o seu estado anterior. (KAITER e SANDIUC, 2011, p.3, tradução nossa)²⁸

Então, o Anjo caído inicia sua viagem onde precisa abrir várias portas bem fechadas e vigiadas por seres demoníacos:

Satã, ateando intuitos de alto traço,
Asas folgadas põe, e até às portas
Do inferno testa o voo solitário;
Perscruta a costa ora à direita,
Ora à esquerda, roçando raso o fosso,

²⁸ The greatness of the character resides in the fact that although lying in a fiery gulf surrounded by "darkness visible", tortured by fire, Satan rises above his predicament and adapts to the circumstances. Hell becomes the abode of his palace Pandemonium and the residence of all evil. Not only does he survive the greatest battle in the history of the universe, he also finds the strength to rally himself and establish a new empire in Hell from which to conquer a new world. In all the councils, surrounded by legions of rebel angels, he distinguishes himself as the sovereign leader. As a true leader he argues persuasively that there is still hope for battle and installs in his followers the determination to regain their former state.

E descola e ascende ao arco ígneo. (MILTON, 2016, II, 631- 635)
 (...)

 Té que surgem

 Os infernais confins e o teto hórrido,

 E portas de tresdobro, três, três dobras

 De bronze, três de ferro, de diamante

 Três, sem rombo, em ampas espirais

 De fogo por gastar. (MILTON, 2016, II, 643- 648)

Lúcifer se depara com dois demônios nos portões do inferno, Morte e Pecado, e indaga Pecado mostrando seu interesse em passar os portões:

De onde és, quem és figura execrável,
 Que ousas, embora escura e terrível,
 Avançar-me a disforme face frente
 Àqueles outros portões? Quero transpô-los,
 Certo sê, sem o teu visto; retira-te,
 Ou prova o destempero, e comprova,
 Diabrete, o que é arguir com celso espírito. (MILTON, 2016, II 681- 687)

Pecado então olha para Lúcifer, o reconhece e diz ter conhecimento da sua rebeldia no Céu:

És tu o anjo rebelde, és tu ele,
 Quem primeiro quebrou paz no Céu, fé,
 Então intacta, e em motin ufano
 Juntou a terça parte dos celestes
 A maquinar conjuras p' los que a todos
 Proscritos deus os fez, aqui forçados
 A um gasto sem findar de dor penas?
 E tentes-te em tanta conta com teus espíritos,
 Endiabrados, que acinte desdém sopras,
 Cá onde o rei, e só p' ra ti
 Teu rei e senhor? Já para o castigo
 Falso desertor, e asas dá à pressa,
 Não vá com chibatada de escorpiões
 Te apressar a tardança, ou com dardo
 Te apresentar horror e outras pontadas. (MILTON, 2016, II 679- 703)

Lúcifer não fazia ideia de que aquele ser era Pecado; Pecado e sua filha Morte ali estavam, os mesmos também sofreram o castigo dado aos rebeldes e tinham como missão vigiar os portões, negando assim a passagem de Lúcifer, ordenando que voltasse para seu castigo eterno. Lúcifer, porém, está determinado e inicia uma batalha com aquele demônio, o qual exclama: "Ó Pai, a tua mão que quer clamou, / Contra teu filho único? Que fúria". (MILTON, 2016, II 727-728)

Neste momento, Lúcifer não consegue mais levantar seus braços no confronto e indaga o demônio: Chamares-me pai, e ao espectro ali meu filho? / Não sei quem és, nem vira até hoje / Visão mais detestável que ele e tu. (MILTON, 2016, II 743 – 746). Por sua vez, Pecado responde a Lúcifer:

Não te lembro ninguém, mostrar-se-á hoje
 Tão penosa a teus olhos quem tão bela
 Foi outrora no Céu, quando em conclave,
 Com serafins contigo acertados
 Em conspiração contra o rei do Céu (MILTON, 2016, II 748- 751).
 (...)
 Te seduzi, e tal prazer gozaste
 Em segredo comigo que o meu ventre
 Gerou crescente fardo. (MILTON, 2016, II 765- 767)
 (...)
 Às profundas aqui, e eu com todos
 Caí; e foi então que a chave forte
 Na minha mão foi posta, a perpetuar
 As trancas destas portas, sem trespasse
 Consentido por mim. (MILTON, 2016, II 773 -777)

O Anjo rebelde, ao tomar conhecimento de tudo, promete a Pecado e Morte libertação para viverem na terra perpetuando o mal. Vejamos aqui o quanto Lúcifer é inteligente, pois como dito anteriormente, ele conhecia o poder do Messias, mas um herói byroniano não desiste dos seus objetivos e ele responde a Morte a Pecado:

Este outro plano mais secreto
 Vou saber, e sabendo, virei pronto
 A levar-vos lá onde tu e Morte
 Devem morar discretos, a sondar
 Com silenciosa asa o ar maleável,
 Embalsamado; lá sereis nutridos
 Com cópia, lá vereis em tudo presa.
 Cessou, pois e aprazou a ambos muito,
 E Morte arreganhou um riso lúrido,
 Gozo de quem prevê matar a fome,
 E bendisse o feliz papo. Feliz
 Era a mãe má também, que ao pai retornou. (MILTON, 2016, II 838-849)

Lúcifer consegue afinal, entrar no novo mundo, mas agora precisa enfrentar os anjos que Deus colocara para proteger a entrada da criação. Vejamos que Lúcifer faz uso da oratória para conseguir informações, e especular o que tanto queria conhecer. Disfarçado de Anjo ele conversa com o personagem Anjo Uriel²⁹, ao qual diz:

Uriel, dos sete espíritos que aguardam
 Junto ao trono de Deus, de excelso brilho,
 És o primeiro efeito ao seu querer lídimo
 Que p'lo Céu vai intérprete levá-lo,
 Lá onde os filhos todos esperam novas;
 E aqui certo és por édito supremo
 De igual honra obter, e ser-lhe os olhos
 Que visitam amiúde o novo mundo;
 Inexprimível gosto em conhecer-lhe
 As prodigiosas obras, mas mais o homem,

²⁹ Arcanjo Uriel, conhecido como a "Chama de Deus", é o anjo que fica de guarda às portas do Éden com uma espada de fogo, e é o anjo mais vigilante do céu.

Seu máximo deleite e favor, quem
 Lhe mereceu tais obras prodigiosas,
 Me trouxe dos corais de querubins
 Divagando só. Diz-me serafim alvo
 Em qual dos áureos orbes tem o homem
 Lugar fixo se fixo lugar tem,
 Se não salta de orbe áureo em áureo orbe;
 P´ra que o encontre, e de olhos nele,
 Discretos ou à vista pasma admire
 A quem o criador outorgou mundos,
 Sobre quem verteu graças todas estas graças;
 Que nele em tudo o mais, como é devido,
 Louvemos do universo o criador,
 Que com justiça deu aos vis rebeldes
 Um inferno sem chão, e p´ra reparo
 Criou a feliz raça de homens pronta
 A servi-lo: em tudo ele é sábio
 Assim falou o astuto sem suspeitas. (MILTON, 2016, III 654 - 681)

Vejamos o quão cauteloso e esperto é Lúcifer ao iniciar sua fala elogiando Uriel, dizendo que ele é digno por ver toda a plenitude do novo mundo. Ademais, Lúcifer também diz querer ter esse prazer e ainda conhecer o homem, obra prima do Messias, especulando e questionando em quais áureos orbes, ou seja, em qual mundo magnífico esta obra vivia, pois seu desejo é conhecê-la e admirar a criação perfeita. Dessa forma, vemos que Lúcifer é tão estrategista que ainda afirma louvar a justiça de Deus por ter castigado os rebeldes ao inferno e agora tem um ser para servi-lo, o homem, fazendo reverência a Deus e dizendo que “em tudo ele é sábio” (III 680).

Uriel, enganado por Falso Arcanjo, não percebe sua real intenção e o responde:

Belo anjo, teu desejo de saber
 Dos trabalhos de Deus, a fim de loar (MILTON, 2016, III 694 – 695).
 Em relatos no Céu ouvir lhes basta:
 (...)
 Pois admiráveis são as suas obras,
 Gratas de conhecer, e dignas todas
 De conhecer de cor e com paixão,
 O que é de conhecer às criaturas (MILTON, 2016, III 701 – 705).
 (...)
 É a terra lugar do homem, e a luz
 Seu dia; falha a luz e outro hemisférico
 A noite invadiria, mas vizinha
 A lua (assim a graça é da estrela)
 Interpõe-se pontual, à mensal ronda
 Que ora quebra ou renova p´lo céu médio; (MILTON, 2016, III 724 – 729)
 Ali de Adão te ponto o Paraíso,
 Seu caramanchel³⁰ faz torres de sombra.
 Não há que errar. Adeus, o dever chama-me. (MILTON, 2016, III 733 – 735)

³⁰ Espécie de pavilhão revestido de vegetação

Assim, Lúcifer ludibria Uriel e consegue saber a localização do Éden onde Adão habita e lança voo para lá. O anjo rebelde está se aproximando do seu alvo e no Livro IV vamos ver trechos de Lúcifer com desabafos e revoltas, quando uma confusão de sentimentos o invadem:

Chamo-te,
 Mas não com voz de amigo, e uso o nome,
 Ó sol, p'ra te dizer como te odeio
 Os raios que me lembram de que alturas
 Caí, p'ra ti alturas de vertigens,
 'Té que avidez e orgulho me abeteram
 Em guerra no Céu contra o rei sem par. (MILTON, 2016, IV 35 – 41).
 (...)
 Mísero eu! P'ra onde erguer
 Tamanha raiva, tanto desespero? (MILTON, 2016, IV 73 – 74)

Com tanta ira e desprezo por si mesmo, Lúcifer recorda do seu legado, da sua nova regra de viver que fundou para si e seus aliados, continua falando para si mesmo e desabafando seus sentimentos:

Aonde vá o inferno vai. Eu sou
 O inferno. E no fundo mais fundo
 Da espera corrói sempre mais se abre,
 Que faz do meu inferno quase um Céu.
 Oh compaixão por fim: não há lugar
 P'ra contrição, nenhum perdão já?
 Não, só p'ra submissão; e essa palavra
 O desdém me proíbe, e o desdouro
 Entre espíritos lá, que eu seduzi
 Com Juras outras e outras fanfarrices,
 Jactando-me de um jugo onipotente.
 Ai de mim, que não sabem quão custoso
 É o preço da garganta vã, que dique
 No peito o choro barra e a voz tolhe.
 Enquanto me adorando vão no inferno,
 Com cetro de diadema bem ao alto,
 Mais baixo ainda caio, só supremo
 Em tristeza; tal goza a ambição. (MILTON, 2016, IV 75 – 92)
 (...)
 Foi-se o bem
 Ó mal, sê tu meu bem. (MILTON, 2016, IV 109 – 110)

Falando assim, Lúcifer com ardor, como dito anteriormente, vemos em sua fala a bipolaridade, traço de um herói byroniano, ele fala até em compaixão e perdão, desabafa sobre o quão difícil para ele o preço de se dedicar a este plano e recorda que seus aliados estão o adorando no Inferno, mas ele mesmo assim sente tristeza e lamenta o desabafo dizendo nos versos: “Foi-se o bem / Ó mal, sê tu meu bem” (IV 109 – 110), vejamos que:

Outro lado dos personagens de Byron é sua natureza contemplativa. Eles são criadores melancólicos sobre um pecado, a um amor a um passado, ou a uma a escuridão que está dentro deles. O inferno que eles passam está dentro deles, ou seja, o herói byroniano está “preso em uma alma atormentada pelo remorso” o passado e o futuro nunca pode acontecer. (POP; ILIEV, p.8. tradução nossa)³¹

O lamento de Lúcifer, o desejo de persistir com o seu plano para si e para os seus aliados e seu pensamento de compaixão e perdão, são sentimentos humanos. Esse elemento o identifica com um (anti)-herói byroniano:

Um anti-herói não é o oposto de um Herói, mas um tipo especial de Herói, alguém que pode ser um marginal ou um vilão, do ponto de vista da sociedade, mas com quem a platéia se solidariza, basicamente. E nos identificamos com esses marginais porque todos nós, uma ou outra vez na vida, nos sentimos marginais. (VOGLER, 2006, pág. 58)

Assim, prossegue o Anjo caído e se depara com a criação de Deus, chegando as fronteiras do Éden ver o gracioso Jardim com bosque hirsuto³², bravas e grotescas, árvores com frutos e flores, o sol raiava e o ar puro pairava no ambiente:

Prosseguia Satã a ascensão íngreme
P'lo monte agreste, lento e pensativo;
Mas trilho mais não viu, tão enlaçada,
Como um fetal contínuo, a balceira
De arbustos e embrenhada brenha enleava
Os pés de homem ou besta que ali dessem. (MILTON, 2016, IV 172 – 177)
(...)
Voou então, e na árvore da vida,
Mais subida e central nenhuma havia,
Fez-se corvo-marinho; mas a vida
Não recobrou, só morte imaginou
P'ra quem vivia. (MILTON, 2016, IV 194 – 199)

Ali Lúcifer fica a contemplar todo o Jardim disfarçado de um corvo marinho³³ com pensamento de morte para todos os seres com vida, seu plano de estudar com cautela a nova criação acabara de iniciar, pois dali do alto da árvore da vida avistou Adão e Eva:

Toda a sorte de vida nova e estranha:
Duas das mais distintas formas, altas
E eretas, como Deus, com honra indígena

³¹ Another side of Byron's characters is their contemplative nature. They are melancholic brooders over a past sin or love, the darkness that is inside them. The hell they go through is inside them, in their memory, the past. The Byronic hero is “imprisoned in a soul tormented by remorse” in the past and the future can never happen.

³² Que não está composto ou cuidado.

³³ Corvo-marinho é uma ave com ampla distribuição geográfica.

Vestidas em nudez real de tudo
 Pareciam reis, e dignos, pois nos rostos
 Divina a imagem tinham do criador,
 Verdade, sabedoria, santidade
 Pura e grave, mas posta em liberdade
 Filial; no homem daí a autoridade. (MILTON, 2016, IV 287 – 295)
 (...)
 Assim seguiam nus, sem que evitassem
 Deus ou anjos, pois mal nenhum pensavam.
 Assim mão na mão iam, por mais belo
 Jamais o conheceu o amor: Adão
 O melhor homem de homens já nascidos
 Seus filhos, e a mais bela filha Eva. (MILTON, 2016, IV 319 – 324)

Lúcifer está extasiado com o que vê, sente ternura pela criação, mas muda rapidamente esse sentimento e a ira vem ao seu coração. Ele brada:

Ó infernos! O que veem estes olhos
 Em dor, em vez de nós no gozo prósperos
 Criaturas de outro barro, nados térreos
 Não espíritos, no entanto pouco menos
 Que aqueles, aos quais sigo em pensamento
 Com espanto, e pudesse amor, tão viva
 Neles luz divina semelhança,
 E tal graça lhes deu a mão que as fez.
 Ah, par gentil, mal sabes o quão próximo
 Estás de mudar, quando estes teus deleites
 Sumirem e te derem à dor, dor
 Que mais dói quanto mais goza o teu gosto. (MILTON, 2016, IV 357 – 369)

Vejamos Lúcifer em uma bipolaridade de sentimentos, entre admiração e ira: “O caráter ambivalente de Satanás é enfatizado por estas mudanças inesperadas de características contraditórias que ele parece manifestar”. (KAITER, Edith; SANDIUC, Corina, 2011, p.4, tradução nossa).³⁴ Permeado de rancor, Lúcifer sente inveja ao ver dois seres criados do pó da terra ganhando tamanha exaltação, criados com semelhança ao Criador com uma glória que também não foi oferecida a ele quando Anjo de Luz.

Ele então desce da árvore e se disfarça para se aproximar mais do casal a fim de compreendê-los melhor, depois de corvo-marinho que ficou a observar no alto da árvore da vida, agora, se transfigura em um leão de olhos de fogo, depois em um tigre e logo se aninha ao pé de uma árvore próximo ao casal, e escuta o diálogo acontecendo entre eles, Adão está lembrando à Eva a ordem do Criador:

Manda quem nos fez,
 E p'ra que o amplo mundo aqui nos seja

³⁴ The ambivalent character of Satan is emphasized by these unexpected and contradictory features he seems to manifest.

Infindamente bom, e do seu bom
 Tão liberal e livre quanto infindo,
 Que nos ergueu do pó e aqui nos pôs
 Em todo o bem-estar, nós que nada temos
 Por mérito, nem obras lhes prestamos
 De que careça, ele que não pede
 De nós serviço algum a não ser este,
 Esta fácil tarefa, de entre as árvores
 No Paraíso que atam frutos doces
 Tao vários, não provar conhecimento
 De uma só, junto a árvore da vida;
 Tão junto à vida cresce a morte; morte,
 O que será, não boa coisa, é certo; (MILTON, 2016, IV 412 – 426)

O Anjo caído então consegue a informação que tanto almejava; não necessitaria de uma nova batalha, mas apenas burlar o homem a comer o fruto da árvore que estava restrita por Deus, então, continua seu plano de analisar mais o Éden e o casal aguardando o momento certo de oferecer-lhes o fruto para que morressem, uma vitória certa em cima da perfeita criação:

A tal tentando,
 Provam e morrem: que há de mais provável?
 Mas antes convém dar minúcia à ronda
 Neste jardim, sem canto por sondar.
 Com sorte a sorte leva-me a algum espírito
 Errante do Céu, junto a fonte, ou ermo
 Sob uma densa sombra, p'ra lhe ouvir
 O que se aprenda. (MILTON, 2016, IV 526 – 533)

Desejando então sondar o Jardim, o falso Arcanjo pensa encontrar algum espírito errante do Céu, ou seja, algum outro anjo rebelde assim como ele. Dessa forma, torna-se evidente seu pensamento de ter novos anjos insatisfeitos com os feitos de Deus. Distancia-se do casal com a ameaça: VIVE enquanto podes, / Par'inda feliz, goza até que eu volte, / Breves gozos, que a dor vem p'ra ficar. (MILTON, 2016, IV 533 – 535)

No céu, Deus alerta aos anjos responsáveis pela guarda do Jardim à presença de um espírito mal, agora cabe ao anjo Gabriel³⁵ liderar a caça desse intruso pelo Jardim:

Uziel, segue a costeira linha ao sul
 Com estes em tenaz guarda; com outros
 Patrulha a norte, o oeste varreremos.
 Co'ardor partem-se à esquerda e à direita.
 Destes chamou de pronto dois espíritos,
 Fortes e sutis, e isto lhes sagrou.
 Ituriel e Zefão, com aspora na asa

³⁵ Gabriel, "homem forte de Deus", é um anjo que serve como mensageiro de Deus.

Procurai p'lo jardim, correi escaninhos,
 Mormente onde moram os dois belos,
 No seu sono quiçá sem ansiedades.
 Esta noite do acaso do sol chega
 Quem diz ter visto um espírito infernal
 Nesta direção (quem diria) vindo
 Dos ferros com mandado mau sem dúvida.
 Onde estiver prendei-o, e trazei-mo, (MILTON 2016, 783 – 796)

Então, os anjos saem em busca de achar e deter quem estava a rondar o Éden. Lúcifer não fez esforço algum em se esconder de alguém, e é encontrado por Ituriel que o indaga: Por que velas aqui qual inimigo / Pespegado à cabeça de quem dorme? (MILTON 2016, IV 825 – 826). Então, Lúcifer responde com ironia:

Não sabeis então, diz Satã, em escárnio,
 Não me sabeis? Sabíeis sem par antes
 Quem se sentava onde nem ousais
 Pairar. (MILTON, 2016, IV 827 – 830)

Lúcifer não demonstra medo algum, e usa de sarcasmo mais uma vez em sua fala quando percebe que o anjo Ituriel não tem conhecimento do grande Anjo que ele já foi um dia, e o quão mal agora é. Ituriel captura Lúcifer que é levado ao Anjo Gabriel, que o diz:

Por que dobraste tu, Satã, os cabos
 Das tuas transgressões, e agitaste outros
 No seu posto que o exemplo teu deploram
 De infrações, e o direito e poder têm
 De questionar aqui o ingresso audaz,
 Empregue a fender sonos a quem Deus
 Em Santidade aqui fixou morada. (MILTON, 2016, IV 878 – 884)

O anjo Gabriel questiona Lúcifer de ter voltado ao Paraíso tentando empregar o mal onde Deus fixara o bem, Lúcifer não hesita em sua resposta:

Há vivo que ame a dor?
 Quem vendo o vau, do inferno não sairia,
 Condenado ou não? (MILTON, 2016, IV 887 – 890)
 (...)
 Irias objetar
 Ao querer que nos ata? Dê mais ferros
 Aos ferros dos portões, se quer que eu fique
 Na solitária. (MILTON, 2016, IV 896 – 889)

Vejamos como Lúcifer continua sendo sarcástico, alguém estaria em lugar ruim e vendo uma saída não recorreria ao encontro da liberdade?! E diz que, se querem o ver preso a isso, reforcem os portões, pois sua força foi superior às fechaduras. Neste momento vemos que Lúcifer não demonstra respeito algum pelos anjos, é um típico traço de herói byroniano:

É uma pessoa solitária de origem nobre que é desrespeitoso com a hierarquia e com as instituições, ou rebelde contra toda a sociedade. Esta característica está presente em todos os personagens de Byron, com exceção do personagem de Lara. (POP; ILIEV, p.4 tradução nossa)³⁶

Lúcifer, então, se prepara para entrar em batalha com os anjos que queriam o expulsar das redondezas do Jardim, porém, Gabriel recua dizendo:

Satã, sei teu poder, sabes o meu,
 Não nosso, porém dado. Que loucura
 Armarmo-nos, pois tu não podes mais
 Do que permite o Céu, nem eu, embora
 Duplicado p'ra te calcar. (MILTON, 2016, IV 1006 – 115)

Diante da recusa de Gabriel à luta e o alerta para o Céu, Lúcifer foge, como discutindo antes, o herói byroniano tem o poder de autodestruição:

O herói byroniano possui uma natureza irredimível com impulsos autodestrutivos, sofre e é condenado. Em nenhum dos casos, no entanto, o herói possui uma falha interna, ou erro, que o leva para baixo. O herói byroniano é diferente do herói trágico neste caso. (POP; ILIEV, p.4. tradução nossa)³⁷

Porém, Lúcifer não deseja outra batalha com anjos, seu alvo é outro, a criação de Deus, precisa continuar seu plano cauteloso, então, ele decide ficar quieto por alguns dias a fim de que os Anjos pensassem que havia o expulsado das redondezas do Paraíso. Lúcifer, astucioso, precisa mesmo de tempo para voltar a especular a criação:

Na oitava voltou, e p'elas traseiras
 Da entrada ou da guarda querubínica
 Viu furtivo vau. Ela ali, já não,
 Que o pecado o mudou, não tanto o tempo,
 Um lugar onde ao pé do Paraíso
 Num golfo subterrâneo o Tigre entrava,
 'Té que em parte brotava junto à árvore
 Da vida; com o rio submergia,
 E com ele emergiu Satã em bruma,
 Buscando depois onde se esconder;
 Sondou chão e mar do Éden cobre o Ponto³⁸ (MILTON, 2016, IX 67 – 77)
 (...)
 Cruzou e examinou, e com minúcia
 Considerou os seres, e qual deles
 Mais útil aos seus ardis, e achou

³⁶ It is a solitary person from noble origins who is disrespectful of hierarchy and social institutions, or rebels against the whole society. This trait is present in all Byron's characters, with the exception of the character of Lara

³⁷ The Byronic hero's unredeemable nature and fate is another common characteristic. He possesses self-destructive impulses, suffers and is damned. In none of the cases, however, does the hero possess an internal flaw, hamartia, which takes him down. The Byronic hero is dissimilar with the tragic hero in this case.

³⁸ Mar Negro

Ser a serpente a mais sutil das bestas (MILTON, 2016 IX 83 – 86).

Lúcifer mesmo sendo confrontado por Gabriel, Uziel e Ituriel, não esqueceu em momento algum de seu plano inicial, observar com cautela e decidir se por força ou por artimanhas destruiria a criação de Deus, e como já tinha conhecimento da árvore do bem e do mal, pois havia escutado o diálogo entre o Adão e Eva, cabia apenas enganar o homem fazendo com que caísse em tentação para comer do fruto proibido.

Diante de todas as suas transfigurações para se esconder dentro do Jardim, agora Lúcifer escolhe um para colocar em prática seu plano, e a serpente é o animal escolhido: “P’ra fraude, onde esconder sugestões negras / Da mais fina visão: pois na serpente / De ardis nenhuns ninguém suspeitaria” (MILTON, 2016, IX 89 – 91).

Lúcifer agora aguarda o momento certo para agir. Neste espaço de tempo, veremos Lúcifer desabafando sobre seu estado atual, e quando analisa até onde chegou, exclama:

Quanto mais
Vejo e redor prazeres, tanto mais
Sinto em mim aflições, do odioso sítio
De opostos; todo o bem me chega tóxico,
E no Céu pior estado o meu seria.
Mas não procuro aqui, não nem no Céu,
Morada, a não ser que eu no dono mande; (MILTON, 2016, IX 119- 126)
(...)
Pois só em destruir acho sossego
P’ra frias reflexões; destruindo-o (MILTON, 2016, IX 129 – 130)
(...)
Minha seria a glória entre forças
Infernais, num só dia demolir
O que ele nomeou, seis noites, seis dias
De labor, e que sabe quantos dias
De projeto, ou não mais quiçá do que eu
Levei p’ra livrar numa noite só (MILTON, 2016, IX 135 – 140)

Lúcifer faz mais um desabafo, mas neste, não mostra sentimentos bipolares, diz estar cheio de ver tanto gozo ao seu redor, mas não tinha com o que se preocupar, pois não estava buscando moradia, a não ser que ele mandasse no dono, ou seja, Lúcifer não abre mão da liderança onde estivesse.

Ele está certo do seu plano e com ironia diz que tudo destruirá em uma noite o que Deus, ser tão supremo, levou seis noites e seis dias para executar, (GÊNESIS 1. 1 - 31) ele será exaltado pelos seus aliados com esse grande feito: Satanás perpetua sua fantasia heroica permitindo-se ser o herói de seu próprio conto assim

como ele é o anti-herói do épico de Milton. (KAITER, Edith; SANDIUC, Corina, 2011, p.4, tradução nossa).³⁹

Assim, Lúcifer sai pelos bosques em busca de uma serpente para dominar; avistando uma, esperou que dormisse e assim, apossou-se de seu corpo:

P'la boca entrou-lhe o mau, e os seus instintos,
 Fronte e coração, tomando-os encheu
 Com intelecto ato; as seu sono
 Não perturbou, à espera da manhã. (MILTON, 2016, IX 187 – 190)

Disfarçado, o falso Arcanjo estava pronto a executar seu plano, e na pele de serpente, ao amanhecer, misturou-se a todos os seres do Jardim sem levantar suspeitas, podia passear entre toda a criação do Jardim, ver tudo de perto, principalmente seus alvos, o casal. Lúcifer já demonstrou grande admiração ao contemplar o Jardim quando esteve desfaçado de corvo-marinho, mas agora, ele se depara com Eva sozinha pelo bosque. Aqui veremos mais uma vez Lúcifer como um anti-herói byroniano, seu sentimento assemelha-se ao nosso quando estamos em grande admiração por algo:

Enquanto ele analisa o novo mundo ele se aproxima do casal no Paraíso, e diz que sente uma inclinação para amá-los, assim surpreendendo o leitor com uma revelação de desejo de amor em uma figura que se acreditava estar totalmente comprometido com a maldade. (KAITER e SANDIUC, 2011, p.4, tradução nossa).⁴⁰

Ele fica perplexo e chega a sentir amor e esperança naquela criação singela diante de seus olhos:

Encantou-se a serpente assim por ver
 Esta porção florida, o escaninho
 De Eva tão cedo, a sós: a forma angélica,
 Celestial, mas gentil mais, e fêmea,
 A garbosa inocência, os seus modos (MILTON, 2016, IX 455 – 459).

Mais uma vez, Lúcifer torna-se pensativo e lembra-se do seu propósito. Novamente o personagem é caracterizado com uma ambivalência de caráter e desabafa trazendo seus sentimentos de fúria:

³⁹ Satan perpetuates his heroic fantasy, allowing himself to be the hero of his own tale just as he is the anti-hero of the Miltonic epic.

⁴⁰ As he surveys the new world and approaches the couple in Paradise, he says he feels an inclination to love them, thus surprising the reader with a revelation of desire for love in a figure which was believed to be wholly committed to wickedness.

Pensamentos, aonde me levastes,
 Com que força arroubados que esqueçamos
 O que aqui nos traz, não amor, nem esperança
 De dar p'lo Paraíso inferno, esperança
 De aqui ter prazer, mas de o gastar,
 Poucando o que há no gosto, outros gostos
 Não tenho já. Não então passar
 O ensejo que ora ri, eis ali só
 A mulher, oportuna e vulnerável,
 O marido, que eu veja bem nem vê-lo
 E esse é de evitar, sobra-lhe intelecto
 E força, de exaltada mente e heroica
 Compleição, pese embora vir de argila
 Rival a ter em conta, imune a ferida,
 Eu não, tão corrompido vai de inferno
 E mirrado de dor quem do Céu era. (MILTON, 2016, IX 473 – 488)

Lúcifer está em constante briga consigo mesmo e com seus sentimentos, tanto que reclama do seu próprio pensamento, não deixando que qualquer sentimento o invadisse ao contemplar Eva. Reforça seu plano de que ali teria que acabar com o amor e esperança e menospreza a inteligência de Eva. Ao vê-la só, percebe ser um ser mais oportuno, diz que o homem possuiu mais intelecto e mente de herói, Lúcifer consegue essas conclusões pelo fato de sempre ver Adão alertando e lembrando a Eva da proibição de comerem o fruto. Assim, aproxima-se de Eva sutilmente:

Ágil mudava a cauda tortuosa,
 Sensuais festões frisando à vista de Eva
 P'ra atraí-la. Ouvia ela a folhagem
 Ciciar, mas não fez caso, de habituada
 A diversões assim por todo o campo,
 De animas mais submissos ao seu mando
 Do que ao de Circe⁴¹ o bando transformando.
 Mais audaz ele agora se chegou;
 Mas em admiração. Baixava às vezes
 A crista, e o pescoço liso e vário,
 Servil, e o chão lambeu que ela pisara.
 Seu ar gentil e mundo conquistara (MILTON, 2016, IX 516 - 527)

Lúcifer está se aproximando do seu alvo, mas vemos mais uma vez ele caindo em admiração por Eva, chegando a lamber o chão onde ela pisou. Porém, mesmo perdido com seus sentimentos, Lúcifer inicia seu plano. O poder de persuasão foi à estratégia que Lúcifer mais usou em toda sua trajetória, em corpo de serpente, veremos como ele convence Eva a comer do fruto proibido:

Não te admires, rainha, se puderes,
 Que és portento sozinha, nem o cenho
 Armes, Céu da brandura, com desdém

⁴¹ Feiticeira que transformava as suas vítimas em animais.

Por assim me cercar, só eu de olhar
 Insaciável, sem medo de um terrível
 Sobrecenho, temível mais a sós.
 Mais bela semelhança de autor belo,
 De tudo o que é objeto de amor és,
 E o que é teu é, e em transe olham e adoram
 A bela deusa, ali melhor olhada
 Onde universalmente se admirar. (MILTON, 2016, IX 533 – 542)

Lúcifer inicia sua conversa com Eva a elogiando, alimentando seu ego, e Eva, surpresa com que escuta de uma serpente, o responde:

A ti, serpente, astuta entre todos
 Conhecia, mas não com voz humana;
 Redobra tal milagre, e diz, de muda
 Como foi que exprimível te tornaste,
 E como tão cordial entre os demais
 Que diariamente vejo e me visita? (MILTON, 2016, IX 559 – 565)

Através da fala de Eva, percebemos mais um traço de inteligência de Lúcifer em escolher a serpente para seu plano, ela confirma isso quando afirma que serpentes sempre foram animais astutos⁴², mas agora está curiosa como aquela em sua frente, que ganhara o milagre da fala, eis o momento aguardado por Lúcifer, e com artimanha, fala:

Um dia avistei em meus passeios,
 Fugindo à vista, uma bela árvore
 Prenhe de frutos belos na cor vária,
 Aurirróseos. Cheguei-me mais p'ra ver;
 Quando odor saboroso solto aos ramos,
 Ao gosto de apetite, mais me encheu
 Do que cheiro de funcho⁴³ doce ou tetas
 De ovelha ou cabra quando à tarde tombam
 Com leite por mamar, que anho ou cabrito
 Brincando esqueceu. Ávido um desejo
 Me tomou: conhecer as maçãs belas.
 Não tardei; fome e sede a uma, fortes
 Persuasores, despertos p'la fragrância
 De fruto sedutor, assim me instaram. (MILTON, 2016, IX 575 – 587)
 (...)
 Levei os pensamentos, e com mente
 Aberta refleti no que é visível
 No céu, terra, ar, em tudo o que é belo
 E bom; mas todo o bom e belo em ti,
 Divina semelhança, na luz bela
 Da tua graça unes; nenhum belo
 Há segundo ou igual ao teu, que aqui
 Me trouxe, inoportuno pese embora,
 P'ra admirar, e louva quem de direito

⁴² 1 - Que tem astúcia; sagaz. 2 - Engenhoso fino.

⁴³ Juntamente com leite, diretamente sugado das tetas, era tido como alimento preferido das serpentes.

É senhora dos seres, do universo. (MILTON, 2016, IX 603 – 612)

Vejamos que Lúcifer usa de mentira ao contar que em um passeio conheceu uma bela árvore e que seu fruto o seduziu a prova-lo e a partir disso, ganhou tal inteligência. Um ponto levantado aqui, é que Lúcifer ganha mais uma característica do herói byroniano, ele usa de sedução afirmando que o fruto abriu os seus olhos no que é visível para tudo que é bom e belo, mas beleza ali, Eva teria sem igual e ele a adorava como senhora do universo.

Eva ao ouvir belas palavras sentiu desejo de experimentar também desse fruto e pediu para que a serpente a guiasse para a árvore. Ao chegar, Eva teme, pois se deparou com a árvore que Deus tinha ordenado que não comesse do fruto e fala para a Serpente:

Porém nem toque ou prova desta árvore
 Deus o ordenou, deixando ordem única
 Filha da sua voz; no resto somos
 Lei nós, nossa razão é nossa lei.
 A ela o tentador tornou solerte.
 Deveras? Disse Deus p'ra não comerdes
 Do fruto destas árvores aqui,
 Senhores que são do que há na terra e ar?
 Ao que ainda sem dolo Eva tornou.
 Não do fruto das árvores, mas desta
 Tão bela que é no centro do jardim;
 Do fruto, disse Deus, Não comerás
 Nem nela tocarás, p'ra morreres. (MILTON, 2016, IX 650 – 663)

Lúcifer precisa ser cauteloso e indaga Eva com ironia:

Proibido por quê? Bem, p'ra receios,
 P'ra servis e ignorantes vos levar
 À adoração; pois sabe que no dia
 Que comerdes, os olhos que achas claros,
 E tão turvos são, se hão- de abrir perfeitos
 E limpos. E quais deuses vós sereis
 Sabendo o bem e o mal tão bem quanto eles. (MILTON, 2016, IX 703 – 709)
 (...)
 Conhecer o bem e o mal nesta árvore,
 Que logo leva à ciência sem licença
 Quem quer que dela coma? E onde está
 A ofensa, de saber assim o homem?
 Que mal fará saberes, lega a árvore
 Governo a contragosto do autocrata?
 Ou só ciúme, e pode habitar ciúme
 Peitos celestes? Estas, estas, e outras
 Razões provam-te a falta deste fruto.
 Colhe-o, pois, deusa humana, livre prova-o. (MILTON, 2016, IX 723 – 732)

Lúcifer afirma que Eva, como deusa, não poderia estar sujeita a ordem de proibição, ele levanta questões a fim de confundir Eva, em suas palavras ele aponta

que onde está o problema de conhecer a ciência; teria Deus o poder absoluto e eles serviriam apenas para prestarem adoração a Ele. Percebemos a inteligência de Lúcifer na sua fala, mostrando até seu sentimento de ira contra Deus. Diante de tudo que ouviu, Eva toma o fruto e o come.

Lúcifer executa seu plano com êxito, Adão sendo persuadido por Eva, também come do fruto, destruindo assim a pureza que existia entre o casal, como também a criação de Deus com tanto amor criada, o mal está feito. Vamos encontrar Lúcifer agora no Livro X da obra:

De Satã entretanto a abominável
 E despeitosa ação no Paraíso,
 E como p'la serpente corrompeu
 Eva, e esta, Adão, à prova fatal
 Do fruto soube o Céu, pois o que escapa
 A Deus que tudo vê, ou onisciente
 Lhe iludi o coração, que em tudo sábio
 E justo, não poupou ao homem provas
 De Satã, com poder cabal armando-o,
 E arbítrio livre, a fim de descobrir
 E repelir ardis de amigo falso. (MILTON, 2016, X 1- 11)

As atitudes de Lúcifer são narradas no início do livro X, ele é chamado de abominável que não respeitou o Paraíso, e como serpente enganou o homem e o fez cair em tentação incentivando a comer do fruto proibido. Sabemos que os meios de um anti-herói não são os corretos e morais, Lúcifer tinha seu objetivo e quais meios foram tomados só o levou a concluir seu plano e retornar com a vitória ao inferno.

Não podemos esquecer de que Lúcifer sentiu ao ser humilhado no Céu quando seria sujeito a servir e adorar outro ser, o filho de Deus, Ele seria glorificado um dia por toda a humanidade, como, pois, não ser Lúcifer o escolhido para esta glória? Karl Iglesias (2005), diz que um anti-herói: “[...] sofre de tratamento injusto e desprezo, ou seja, que na narrativa sejam humilhadas, ridicularizadas, exploradas ou são prejudicadas sem merecer [...]” (ALEXANDRE, 2015, p.42).

Agora Lúcifer será sujeito a mais uma sentença de Deus, como um anti-herói byroniano não está se importando com as consequências, Lúcifer está retornando com glória as profundezas do Inferno e como prometido, liberta Pecado para espalhar o mal sobre a Terra e Morte para saciar a sua fome por almas. Assim faz seu regresso, e chagando ao Inferno iniciou seu discurso:

Domínios, tronos, virtudes, poderes,

Principados, em posse dos quais sois,
 E não só porque é justo o nome, chamo-vos,
 Eu que da esperança além regresso próspero,
 P'ra levar em glória deste inferno
 Malíssimo, maldito, lar de dor,
 Masmorra de tirano. (MILTON, 2016, X 460 – 466)

Lúcifer está em glória, os demônios o adoram, bravejam o grande herói, que agora irá os livrar do Inferno, e perguntam curiosos como foi executado o plano, Lúcifer conta fazendo uso de ironias e sarcasmos:

Achei o mundo novo, cuja fama
 No Céu se adivinhara há muito, excelsa
 Estrutura de absoluta perfeição,
 Com o homem habitando o paraíso,
 Feliz p'lo nosso exílio. Seduzi-o,
 E pr'a apimentar mais o vosso pasmo,
 Só com uma maçã. O outro, disse
 Sentido, ride a bom rir, desistiu
 De dois, do amado do homem e do mundo
 Pilhagem p'ra Pecado e Morte, e deles
 Nossa, sem riscos, penas, ou alarmes,
 Basta chegar, tomar casa, e no homem
 Mandar, como mandar este não soube.
 É verdade que fui jugado, ou antes,
 Eu não, mas a serpente em cuja forma
 O homem burlei; a parte que me toca,
 Inimizade, ele há-de pôr entre o homem
 E mim. Cabe-me ferir-lhe o calcanhar,
 E ele, quando não sei, deve pisar-me
 A cabeça. (MILTON, 2016, X 481 – 500)

Ironizando, Lúcifer diz que os anjos achavam o Jardim do Éden uma obra perfeita, um homem habitava lá, o qual ele seduziu a comer um fruto, e isto apenas bastou para corrompê-lo e fazer cair em pecado. Ele conta que Pecado e Morte já estão a gozar da terra, e eles também dominariam o homem que da sua própria casa não soube cuidar, ou seja, Adão no Jardim do Éden.

Como um anti-herói byroniano ele revela as consequências de mais uma vez ter confrontado Deus, terá inimizade com o homem e ele pisará a sua cabeça quando ousar seu calcanhar ferir, mas usa de ironia afirmando que não seria ele quem sofreria isso, e sim a serpente, animal que escolhera para enganar o homem. Assim levanta sua plateia dizendo: Eis deuses, maus feitos. Que vos resta / Senão: de pé!, entrai no pleno gozo (MILTON, 2016, X 502 – 503).

Todos os demônios bradam o grande Lúcifer, um silvo⁴⁴ se ouviu. Lúcifer seria herói de todos que ora transformavam-se em serpentes, ora em demônios; Lúcifer enaltecido, glorioso, o qual trouxe liberdade para todos presos ao Caos.

A trajetória do Anjo rebelde na obra *Paraíso Perdido* ganha um vasto estudo sobre seu personagem. Milton deu voz ao mal e, nos versos, somos convencidos da sua justificativa: Apesar das tentativas de Milton fazer de Satanás uma encarnação do mal, ele ainda é uma figura fascinante que ganha nossa admiração e simpatia. (KAITER e SANDIUC, 2011, p.2, tradução nossa).⁴⁵

O personagem Lúcifer ganha traços evidentes de um anti-herói byroniano, embora estudos o encaixem como herói ou até mesmo o vilão, pois possuem características que os aproximam. No presente trabalho, apresentamos na jornada de Lúcifer traços que o definem como um anti-herói byroniano. Apresentamos em suas falas o poder de persuasão, forte poder de convencimento, sedução, bipolaridade em seus sentimentos, inteligência, e isso resulta em nos identificarmos com o personagem Lúcifer, acreditando que sua luta, mesmo sentindo sua ira, ela é justa.

⁴⁴ Assobio de cobra

⁴⁵ In spite of Milton's attempts to make Satan an incarnation of evil, he is still a fascinating figure which gains our admiration and sympathy.

CONCLUSÃO

Os personagens heroicos sempre estarão em evidência, seja na literatura, filmes, séries, eles terão sempre seus estereótipos almejados pelo leitor/espectador, porém, o personagem criado pelo romancista inglês Lord Byron, vem trazer uma mudança de como vemos o personagem principal de determinada história.

Podemos defender através desse trabalho o quanto o anti-herói byroniano é admirado, chegamos à compreensão de identificação com a sua melancolia, erros, acertos em benefícios próprios.

O personagem Lúcifer de Milton, carrega em seu personagem características de persuasão, poder de persuasão, sensualidade, inteligência sarcasmo, foi ele um grande modelo para inspirar Lord Byron em suas obras. A epopeia de Milton tinha como finalidade propagar os ideais cristãos, porém, ela nos dá a oportunidade de compreendermos Lúcifer, que se tornou o protagonismo da obra.

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise sobre a definição do personagem Lúcifer como anti-herói byroniano, tema de longos estudos que até hoje somam com literatura inglesa; Lúcifer é sem dúvidas um personagem único, dotado de características do herói byroniano em sua jornada.

A pesquisa se deu por meios de um levantamento bibliográfico, não apenas sobre o anti-herói byroniano, mas como o herói, Lúcifer se adapta aos dois personagens, pois um anti-herói também ganha a missão de salvar algo, mesmo que fugindo do correto e ético, e isso faz com que tenhamos empatia pelo personagem. Com nossas reflexões buscamos enaltecer a criação literária e somar com esse estudo do Lúcifer de Milton.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, Meyer Howard. **O espelho e a lâmpada: teoria romântica e tradição crítica**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

ALEXANDRE, Pedro de Almeida Lima Fernandes Baranita. *Anti-heróis no Cinema*. 2015. 94f. Dissertação de Mestrado - Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, 2015.

AURÉLIO, Dicionário.

Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>> Acesso em: 21 de Novembro de 2018.

A BÍBLIA SAGRADA – Harpa Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 1536 p.

BYRON, Lord. **Manfred**. The Harvard Classics, 1909.

Disponível em: <<https://www.bartleby.com/18/6/11.html>> Acesso em: 20 de novembro de, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 1989.

CANASSA, Lucélia; CARLOS, Luiz Santos Simon. **Do herói da epopéia ao personagem do romance: um paralelo com diferentes representações de masculinidade**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, Universidade Unigranrio, v. 44, 2017.2.

CARMO, Vanessa do Abreu. Resignificação das estruturas da poesia épica em *Paradise Lost*: o contexto das invocações. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, UFRJ – Juiz de Fora, V.3, p.63-77, 2015.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KAITER, Edith; SANDIUC, Corina. **Satan de Milton: Herói ou Anti-Herói?** Brasov: Conferência Internacional de Documento Científico Afases, 2011.

MILTON; John, *Paraíso Perdido / John Milton*; edição bilíngue; tradução, posfácio e notas de Daniel Jonas, apresentação de Harold Bloom; ilustrações de Gustave Doré – São Paulo: Editora 34, 2016 (2ª Edição). 896 p

MOISES; Massaud, 1928 – *Dicionário de termos literários / Massaud Móises* – 12. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

REIS, Gisele de Gois. **Os lusíadas e paraíso perdido: dois momentos estéticos da poesia épica.** São Cristóvão, 2016.

STEIN, Atara. **The Byronic hero in film, fiction, and television.** 2004.

The Romantic period: Topics: The Satanic and Byronic hero: Overview. (n.d.). Norton Topics Online, Norton Anthology of English Literature, 8ª Edição, 2010 – 2018.
Disponível
em: <http://www.wwnorton.com/college/english/nael/romantic/topic_5/welcome.htm>
Acesso em 17 de novembro de, 2018.

VOGLER, Christopher, 2.ed. *A jornada do escritor : estruturas míticas para escritores* / Christopher Vogler ; tradução de Ana Maria Machado. - 2.ed. -Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006